

!Blecaute

Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº19
Janeiro - Julho- 2015 - ISSN: 2238-930X





Blecaute
Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº19
Janeiro - Julho- 2015

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2015, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Semestral

CAPA: Escutando Olhares 02, 2013
Infogravura sobre tecido sintético,
Jas-One - Jardel

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio
Janailson Macêdo Luiz
janailsonmacedo@hotmail.com / @jan_macedo
João Matias de Oliveira Neto
j.matias@msn.com / @j_matias
Flaw Mendes (Editor Visual)
flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: revista de Literatura e Artes, ano. 6, n. 19

(Janeiro - Julho - 2015) – Campina Grande, 2015.

p.: 56, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
@revistablecaute

Índice

EDITORIAL	05
CONTO: <i>A Demanda do Bosque</i> <i>Sombrio</i> - Bráulio Tavares (RJ-PB)	06
POEMAS: <i>Estrangeiro e outros poemas</i> - Diego Callazans (SE-BA)	10
O SANTO OFÍCIO: <i>As Lições de Virginia Woolf</i> - Franklin Jorge (RN)	13
POEMAS: <i>É preciso que te movas e outros poemas</i> - Vanessa Regina (RS)	15
CONTO: <i>To Selfie or Not to Selfie</i> - Julia Antuerpem (SP)	17
ENSAIO: <i>Uma Ausência, por Enquanto: A Melancolia nos Poemas de "Hemisfério", de Yuri Emanuel</i> - Sidney Andrade (PB)	21
RABISCO DO OUVIDO: <i>Carcará</i> - Raoni Xavier (PB)	25
TRECHO DE ROMANCE: <i>Fade In</i> : Wander Shirukaya (PE-SP)	26
POEMAS: <i>A Marcha dos Síris e outros poemas</i> - Diego Mendes (PR-PI)	28
ENSAIO: <i>Duas Pelejas para um Caminho sob o Sol Cordelístico</i> - Aderaldo Luciano (RJ-PB)	31
OFÍCIO LITERÁRIO: <i>Para Gabriel García Márquez</i> - Reynaldo Bessa (SP-RN)	35
POEMAS: <i>Conversa com Poeta e outros Poemas</i> - Hildeberto Barbosa Filho (PB)	38
VISUALIDADES: <i>Recortes e ressignificação da matéria em Luiz Barroso</i> - Wellington Medeiros (PB)	40
CONTO: <i>O Lobo</i> - Nathalie Lourenço (SP)	42
O AEROPAGO: <i>Chega de Saudades (Parte II): Os Terroristas da Saudade</i> - Valdênio Menezes (RJ- PB)	44
ARTIGO: <i>Eita gota, que "cadin" de amor pra render tanto em nós!</i> - Jonhniere Alves Ribeiro (PB)	47
MEKATRONIA: Will Simões (PB)	49
POEMAS: <i>Acho que sou pólen e outros poemas</i> - Belle Júnior (PR)	50
ARTISTA DA CAPA: <i>Escutando olhares 02</i> , - Jas-One (PB)	55



Editorial

Habemus Blecaute!

Ave! Finalmente sai a 19ª Revista Blecaute! Antes tarde do que nunca, gostaríamos de justificar nosso injusto atraso com uma data vênua: alguns dos nossos editores estiveram, por estes meses, assumindo atividades diversas, passando por mudanças geográficas e pessoais. Foi tamanha a mudança que a Revista Blecaute, a partir deste primeiro número de 2015, passará a ser semestral. Isso mesmo, com vistas a garantir a mesma qualidade de sempre e, apesar de nossas múltiplas atividades, também buscando se adequar aos projetos dos editores, a Blecaute optou por ser uma revista semestral, como aliás é costume entre publicações de viés acadêmico e literário. Esperamos, com essa mudança, a compreensão e o mesmo carinho de todos os leitores que nos acompanham nestes quase sete anos de atividades.

Com a periodicidade semestral, a Blecaute também busca se constituir como um espaço de debates e discussões mais elaboradas, abrindo maior espaço para a crítica literária, artigos acadêmicos, resenhas e ensaios. De acordo com o conceito Qualis conferido pela CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) à Revista Blecaute, obtivemos a distinção B5 em Literatura/Linguística, o que nos qualifica, sendo a Blecaute uma revista que não se encontra associada a nenhuma universidade. Acadêmica e também literária, a Blecaute prima pela qualidade dos contistas, poetas, críticos, artistas e demais intelectuais que nos honram com a publicação de um material de qualidade, merecedor dos olhos criteriosos de nossos leitores.

É com esse clima de retorno que brindamos ao leitor com um conto exclusivo do escritor Bráulio Tavares, e ainda com a publicação de um trecho do romance vencedor do Prêmio Pernambuco de Literatura 2015, *Ascensão e Queda*, da autoria de Wander Shirukaya. Nesta mesma edição, contos de Nathalie Lourenço e Julia Antuerpem reatualizam a Blecaute dentro da cena literária paulistana, apresentando uma amostra de duas boas escritoras do gênero. Entre os

colunistas, Reynaldo Bessa homenageia Gabriel Garcia Márquez e Valdênio Menezes rendem messes às saudades na coluna *O Aeropago*. Sem contar Franklin Jorge, que nos deleita falando de Virginia Woolf; Welligton Medeiros, sobre o inventivo artista Luiz Barroso. Somam-se, ainda, as colunas visuais de Raoni Xavier e Will Simões, parceiros queridos da revista. São muitas emoções para um só retorno!

Na poesia, um painel de alguns dos mais representativos poetas da jovem literatura brasileira contemporânea: Diego Callazans, Vanessa Regina, Diego Mendes e Belle Júnior estão na companhia do experiente poeta e crítico literário paraibano Hildeberto Barbosa Filho. No ensaio, temos um dos mais importantes estudiosos da literatura de cordel, Aderaldo Luciano, paraibano radicado no Rio de Janeiro, além dos jovens escritores e mestres em literatura pela Universidade Estadual da Paraíba, Sidney Andrade e Jonhniere Ribeiro, que esboçaram estudos sobre ficcionistas paraibanos. Sem esquecer o artista Jos-One, revelação das artes visuais campinenses, ilustrando a nossa volta depois de muitos meses de ausência, compomos um belo quadro nesta edição.

Diante de um clima de diversidade e retorno às atividades, a Revista Blecaute preparou um sumário com a melhor e mais diversa equipe de autores selecionados para esta edição. Inaugurando a revista com o conto de Bráulio Tavares não seria, por fim, menos emblemático dedicar ao mestre da literatura fantástica brasileira nossa mais sincera homenagem. Bráulio foi o ganhador do Prêmio Blecaute de Literatura em 2014, sucedido por Maria Valéria Rezende em 2015, que já publicou em edição passada.

Bráulio abre a revista com honrarias e distinções. Nada mais que o merecido para um grande escritor entre tantos outros.

Boa leitura!

CONTO

A DEMANDA DO BOSQUE SOMBRIO

Por Bráulio Tavares

Quando acordei, um vozerio confuso penetrava pelo arcobobante da janela do meu quarto, como o burburinho impreciso de uma feira na Quaresma. Debruçando-me para fora, pude lobrigar a azáfama dos cavaleiros, empilhando feno, renovando a água dos cochos, polindo arreios, alimentando as árdegas cavalgadas, tudo isso ao som dos sinos da capela de São Pancrácio, que repicavam festivamente ao sol matinal. Chamei meus criados de quarto para me ajudarem a vestir a armadura, pois era finalmente chegado o dia da Grande Expedição. Vieram Fenelonges e Fidúncio, que me ajudaram a vestir a ceroula, o espartilho, os suspensórios, a cota de malhas, as caneleiras, o peitoral, o boldrié, o talim, o broquel, o morrião, os joanetes, a couraça, o elmo, a viseira, os guantes, a durindana, a excalibur, os penachos, o rebenque e os óculos bifocais. Pendurei meio quilo de logotipos heráldicos por cima de tudo, e fui escovar os dentes no terreiro.

Chegando ao salão principal, encontrei Lorde Guardim e o Barão de Pia-Pouco, que ergueram suas taças em minha saudação. Discreteamos um pouco sobre assuntos belicosos e cinegéticos, enquanto saboreávamos a refeição matinal: peito de caboré ao molho de cogumelos, torresmo a escabeche, feijão-da-Índia com rododendros, doce de quiabo turco. Fomos interrompidos pela chegada de um mensageiro do Senescal da Saxofônia, trazendo um sobrescrito gótico lacrado com os sinetes d'el Rei. A mensagem me era destina-

da, e ao romper os lacres deparei-me com uma obumbrosa caligrafia de traços barrocos, escrita a pena de ganso silvestre. Esforçando-me para não dar na vista, reli três vezes o aranzel de garatujas, e supus dois possíveis conteúdos da missiva: ou o Rei estava me convidando para uma caçada à morsa no bosque sententrional do Condado de Roncro, ou estava me condenando à morte pelo barço sacramental do Carrasco de Rola-Bosta. Na dúvida, agradei ao mensageiro, dei-lhe dois dinares e um ceitel, e após sua saída ordenei que o decapitassem para sempre.

Encerrado o desjejum, despedi-me dos meus confrades e dirigi-me para o pátio, onde diversos arqueiros e homens-de-armas adestravam-se no uso da besta, do mantelete, da catapulta, do aríete, da estrapada, do borzeguim e das bandarilhas. Fui saudado marcialmente por todos, e encaminhei-me tilintante até a estrebaria principal, para ver se Palafrente já estava selado e arreado. Estava. Verifiquei-lhe as rédeas, a cilha, a sela, os freios, o porta-luvas, os estribos, a manta, os emplastos cordíacos, os frisos da crina, as lantejoulas da cauda. Ajudado pelos meus escudeiros, Caraminguante e Gongriz, me escanchei em cima do bufante ginete, soltei meu grito de guerra que fez fugirem os gansos e as galinholas, e saímos para o pátio.

Festiva recepção nos saudou quando emergimos triunfais, com um cortejo de bandeirolas rubro-amarelas, címbalos, estandartes desfraldados ao vento, rufar de tambores e clangor de trombetas. Erguendo a mão para impor silêncio, o que consegui depois de berrar quase meia hora, proferi uma elocução de despedida, após o que dei ordem para que abaixassem a ponte levadiça, que atravessamos entre um agitar de lenços brancos das amuradas, seteiras, ameias e barbacãs. O imenso descampado verde-oliva se estendia diante de nós – e

com ele as vastidões tresvariantes da Aventura.

Descrever as peripécias pelas quais passamos seria tarefa para ociosos; portanto, apresso-me a fazê-lo. Secundado por Gongriz e Caraminguante, que montavam seus respectivos matungos, adentrei um frondoso bosque de madressilvas, que trescalava um suave odor lilás. Enaltecíamos em voz alta quanto é grande o poder da Natureza, quando de repente deparamo-nos com um rústico aldeão campônio, escorado no tronco de uma árvore pequena, da família das icacináceas (*Emmotum nitens*), de flores amarelas por fora e purpúreo-escuras por dentro, com pilosidade roxa, dispostas em panículas axilares, e cujo fruto é drupáceo, suberoso-lenhoso, tendo a madeira utilidade para cercas. Durante esse tempo todo ele continuou escorado na faia, olhando para nós com ar meditabundo, e pitando um cachimbo. Depois de nos examinar dos pés à cabeça, e de certamente concluir que o nosso era um trio sem pé nem cabeça, dignou-se tirar o barrete e nos saudar:

- Salve, nobre senhor.

Ergui dois dedos em sinal de bênção, e argui:

- Dizei-me, bondoso ancião, qual o nome deste falanstério e qual o brasão que o custodia. Somos viajores fatigados pela intemperança das intempéries, e necessitamos de um teto que nos dê abrigo dos rigores da noite.

Ele discorreu:

- Senhor, nasci e fui criado nestes arredores, e antes de mim meu pai, e o pai do meu pai. Assevero-vos que pisais terreno pertencente à casa dos Falangetas, nobre casa aparentada ao sangue real, através do seu patriarca, o Barão de Açambarca.

Eu obtemperei:

- Entretanto, venerável macróbio, em nossos portulanos de viagem nada consta sobre a existência de tal feudo nesses arredores.

Ele argumentou:

- Senhor, tal anomalia cartográfica por certo se deve às frequentes defenestrações sucessórias de que estes ducados e baronatos são pródigos, dificultando sobremaneira a atualização das hierarquias e dos títulos.

Eu aquiesci:

- Assim é, digno sexagenário, e podeis estar certo de que em nossos próprios latifúndios essas sublevações de subalternos são uma verdadeira espada-de-Ândrocles suspensa sobre nossos viscondíssimos cangotes.

Ele aduziu:

- Sem se falar, nobre senhor, que às vicissitudes do momento político vêm se somar as lacunas produzidas pela peste, pelo escorbuto, pela pelagra, e por outras decorrências da insalubridade reinante no século, como o mal-céltico, o mal-americano, o mal-turco, o mal-francês, o mal-de-nápoles, o mal-escocês, o mal-canadense, o mal-germânico, o mal-ilírico, o mal-polaco, o mal-gálico e outros ônus.

Eu tergiversei:

- Mas que isso, provectoro antepassado, não vos aquebrante o ânimo nem vos ensombreça o sobrecenho, pois rezam os antigos que uma época virá, na qual tanto o sangue nobre quanto o sangue fisiológico estarão a salvo desses traiçoeiros percalços; uma época em que a polícia será a salvaguarda da política, e a penicilina será a eminência-parda do pênis.

Ele suspirou:

- Ai, nobre senhor, quem me dera crer em vossas preconizações. Mas sucede que meus antigos são diversos dos vossos, em linhagem e em profecias. E os meus me dizem que virá uma época em que o mundo estará mais do que nunca repleto de males-do-mundo; e que tais males, mais impiedosos e virulentos que os de hoje, não pouparão nem um só centímetro desse nosso perecível arcabouço carnal; e, mais que isso: que os mal-entendidos e as más-intenções farão propagar uma tal alastração de crimes de lesa-realeza que o pescoço dos plutocratas acabará mais periclitante do que a próstata dos proletários.

Eu inquiri:

- Então, primevo gerontiarca, já que o devenir das eras se vos afigura tão tenebroso, devíeis estar em regozijo, por ter-vos sido dada a benesse de cumprir vossos dias num tempo ainda tão respirável quanto o atual.

Ele divergiu:

- Nem tanto, nobre senhor; porque, mais do que a precária pas-maceira a que hoje chamam bem-estar, agradar-me-ia presenciar as convulsões terremotrizes de que o futuro se anuncia tão bem provido, e contemplar uma época em que nós, os labregos, os lapuzes, os labrotes, empunhássemos os machetes, as foices, as roçadeiras, as lambedeiras, os trinchetes, os facalhões - e saíssemos em farândola, ululantes! Instituído o revertério da malta, a rebordosa da plebe, o reboliço das corjas, a recarga do zé-povinho, a recaída da súcia, a recorrência da caterva, o rodopio do populacho, o rasga-bucho da ralé! O pega-para-capar!

Aí eu não tugi nem mugi, e sem dizer água-vai pespeguei-lhe uma espaldeirada-em-prancha que o descangotou em ângulo reto,

berrando:

- Pois toma logo essa, cascabú-de-sucata, e vai visitar o calcanhar de tua putavó!

Mas aí, como num passe de mágica, choveu sobre nós uma revoada de dardos e setas; e vimo-nos cercados por centenas de sicários maltrapilhos e canibalescos, armados de bestas, chuços e fundas! Erguendo-me terrível no alto do meu cavalo-de-batalha, prorrompi em brados guerreiros, enquanto distribuía lanças e cuteladas em redor:

- A mim, Gongriz! A mim, Caraminguante! Eia, sus! Aqui del Rei! Viva o imperador! Caluda! A guarda morre e não se rende! Hip, hip, hurra! Sacrebleu! Cazá, cazá, cazá! Callooh, Callay! Arreda, gentalha - que eu estripo e esquartejo!

Assim eu vociferava, cercado por um enxame de latagões em fúria, desvencilhando-me dos laços, esquivando-me dos acutilamentos, escudando-me das flechadas, e ao mesmo tempo fendendo crânios, trinchando espáduas e desviscerando abdômens. Enquanto isso, meus dois desastrados ajudantes distribuía golpes cegos contra o vento, ou um no outro, ou contra a folhagem, cobrindo-nos com uma verdadeira chuva de ramículos, brotos, líquens e cipós. Por entre o clamor da batalha e o troar anacrônico das bombardas, abri caminho por entre a tropa inimiga, enquanto eles se apegavam a mim como um milhão de rãs insurretas, grudando-se às minhas costas, mordendo-me a nuca, afrouxando meu cinto, desparafusando minha armadura, amorcogando-se em Palafrente, cortando a canivete seus arreios e fazendo com que eu finalmente desmoronasse de cima de seu costado, aluindo ao chão no meio da turbamulta, por entre um clamor feroz de triunfo, e uma chuva de cacetadas, trompaços e muxicões, até que

meus duzentos quilos de ferragens e perplexidade quedaram atravancados em campo-de-honra, sendo calcados aos calcanhares por uma vintena de hirsutos ferrabrazes que celebravam com aleguás o triunfo de sua jaqueria.

Contundido e estonteado, mal tive noção de que Caraminguante e Gongriz eram também submetidos e atados um ao outro, e que os nossos truculentos vencedores nos conduziam, por entre vergastadas e algaravia, ao castigo final! Minha cabeça febril entrou em justificado pânico ante a perspectiva de uma morte aviltante, longe da elegância das liças ou do fragor das refregas. Enquanto eles me rebocavam, trôpego, balbuciante, com uma ponta do correíame atada ao meu pescoço e a outra ao rabo de uma burra (manca, ainda por cima!) eu prorrompi na vasta objurgatória que depois, sem que eu o soubesse sequer, seria preservada nas crônicas e transmitida aos pósteros como minha oração fúnebre:

- Ah, iracundos arautos do pandemônio! Acaso estais pensando que vosso trajeto plantígrado conseguirá curvar a cerviz de nossos braços dicotiledôneos? Ilusão trêda! Brancas nuvens! Doudo afã! O aço impoluto de nosso sangue nobre dará frutos mais duradouros do que a insensata balbúrdia com que requentais a febre das sociedades. De nada vos adiantará vociferar contra a solidificação das artérias da aristocracia! Jamais as vossas sedições conseguirão fazer estremecer os alicerces de nossas pirâmides, de nossos ministérios, de nossas torres-de-marfim! A locomotiva da História não padece desses reumatismos. O Tempo é um dinossauro implacável que vai roer a corda do vosso sino, e aí vai dar o créu! Carnificinas! Hecatombes! Herodes e São Bartolomeu! Vossos gibões encardidos hão de conhecer a têmpera do nosso fino aço de Toledo! Sereis passados a fio de espada,

e os sobreviventes descerão às masmorras imperiais, onde vão ver o que é bom pra tosse! O azorrague! A água-de-sal! A virgem de ferro! O leito-de-Procusto! A roda e o pelourinho!...

Nesse ínterim, bem como nos anteriores, estávamos atravessando uma clareira que sucedia ao bosque, e terminava abruptamente numa encosta pedregosa onde adivinhei um precipício, bem como a sorte que nos esperava. Aí foi que eu esbravejei!

- Capadócios e camumbembes! Podeis matar-me, e matar a esses dois estrupícios que vêm aí atrás e só fizeram me atrapalhar! Mas nossas armas luzem cobertas de glória no campo de combate! O tempo vos ensinará um dia o significado da palavra Honra! Sabereis então que sois o rebotalho da espécie humana, e que vossas carantinhas gafentas jamais merecerão figurar ao lado das nossas, no panteão dos heróis, no sacrábulo dos justos! Nós somos o Sangue Azul! Aí eles já estavam me metendo o pé na bunda, e eu bem na beirinha do grotão – aí eu tive que apelar:

- Gongriz, meu santo! Caraminguante, amigo velho! A gente tá é lascado! Arreda, que eu pulo só! Vamos dar às de vila-dioooooogooooo...

E mergulhei de cabeça pra baixo, logo eu que sofro de vertigem – e ainda ouvi os berros dos dois abestalhados sendo jogados depois de mim – e um chão cheio de pedras lá em baixo – mas o abismo era tão grande, tão grande, mas tão grande, que antes de chegar no fundo eu peguei no sono.

F I M

BRÁULIO TAVARES (RIO DE JANEIRO-PARAÍBA) – Escritor, compositor e roteirista. Têm dezenas de livros publicados, entre coletâneas de contos, cordéis, poemas, ensaios. Entre as suas obras, destaque para A Espinha Dorsal da Memória (Contos, Rocco, 1990). Possui várias letras publicadas por diversos ícones da música brasileira, como Elba Ramalho, Antônio Nóbrega e Lenine.

POEMAS

DE DIEGO CALLAZANS

[estrangeiro]

eu sou estrangeiro

estrangeiro
não de carne ou de mapa

as fronteiras mal barram as palavras
(num toque me faço esparso
e lanço-me inteiro aos cantos)

eu sou de fora

nem de mim trago mais que esse trago
que ergo a quem me lê e verto
sem que o ar me falte

não sou formado dos cacos
de sempre e nunca que vagam já
entrecruzados

eu sou estrangeiro

não sou retalho ou costura
tapete que se joga ao sótão e é caro

não sou de cinco minutos
ao pé do noticiário
com o peito a calibrar meu silêncio

(o meu solfejo peca só pela clave)

eu sou estrangeiro

mesmo que a mão não tropece
na língua em que me ofereço

que o berço garanta o acesso
e o umbigo fomenta frutos
na terra que me reclama

estrangeiro ainda

zanzando entre os cordéis
daqueles que portam a estada

estrangeiro
no gueto de um só pária

[Bagdá]

nesta noite
(pano negro
sem pires),
lírios bolorentos
num convulso
amarelo
parem moscas.

sobre Bagdá
avoam
acauãs serenas.

temos olhos surdos.

mas – segredo! –
nosso verso pode ser
vômito negro.

[contabilidade]

sol negro nas ruas.
em andrajos se arrastam
os cacos do cenário.

a cidade acusa os céus
com seus dedos de vidro.

meu dáimon febril
em esquelético abraço
me põe
estilhaços no sangue:

pulsantes vermes nos sonhos
de cada ser reticente anseiam
“assassinato!”

daí as navalhas nos olhos
e as vozes de napalm.

por isso as mães embalam medalhas
ou veem purezas violadas
enquanto em tronos de lama
frígidos gráficos regem
maquinarias macabras!

meu silêncio cheira a
bebês retalhados.

metafísico afago:
o cigarro me necropsia.

[machina mentis]

feito uma manufatura,
fordistamente minha cuca
torce & destroça as palavras,
e mal extrai uma metáfora,
ou metonímia, ou insight,
ou mesmo chiste fugaz.

a produção não arca mais
com os vastos custos diários.
a mão-de-obra, os Miolos,
já não recebe sua cota
– como os delírios são caros!

os burburinhos dão conta
de um indicativo de greve
– um aneurisma pra breve.

DIEGO CALLAZANS (SERGIPE-BAHIA) – Poeta. Nasceu no dia 26 de julho de 1982 na cidade baiana de Ilhéus. Mora em Aracaju desde os cinco anos. Jornalista não praticante, já dirigiu vídeos, atuou em espetáculos teatrais e desenhou quadrinhos. Autor do livro “A poesia agora é o que me resta” (Patuá, 2013). Tem poemas publicados em revistas como Celuzlose, Diversos Afins, Mallarmargens e Reversos. Seu segundo livro está previsto para sair em 2015.

!Blecaute
Revista de Literatura e Artes



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

O SANTO OFÍCIO

AS LIÇÕES DE VIRGINIA WOOLF

Por Franklin Jorge



Virginia Woolf [1882-1941] escreveu sobre quase tudo sem prestar tributos ou dispensar louvores fingidos. Sentimos, ao lê-la, que um grande escritor é também um leitor extraordinariamente culto e apto a atravessar a porta estreita da arte sem carregar as ferramentas do seu absorvente ofício.

Mais conhecida entre nós por sua prosa de ficção e por ouvir rouxinóis cantando em grego, Virginia mostra-se em *O valor do riso* – coletânea traduzida e organizada por Leonardo Froes, que acaba de sair no Brasil – a ensaísta criteriosa e sagaz que pode dizer-nos que a música incita em nós alguma coisa feroz e inumana; a autora de textos analíticos e autobiográficos que catalisam suas reflexões estéticas, inquietações espirituais e tormentos existenciais que a levaram ao suicídio em 1941, ao jogar-se nas águas do rio Ouse, perto de sua casa, em Sussex. Enchera de pedras os bolsos do casaco. Estava ca-

sada desde 1912 com Leonard Woolf, com quem fundara em 1917 a Hogart Press que se tornaria prestigiosa.

Prospectou a alma humana e esquadrinhou à volta de si mesma, buscando o riso puro “tal como o ouvimos nos lábios das crianças e das mulheres tolas”, atualmente em descrédito pois ninguém ri mais, como previu então. Como jornalista cultural e cronista, lançou olhares perspicazes sobre as diversas camadas e esteios da sociedade londrina, ainda formalmente vitoriana mas já solapada pelo talento iconoclasta do grupo de Bloomsbury, tertúlia que reunia às quintas-feiras em Hyde Park Gates e em outros endereços de Kensington jovens e brilhantes intelectuais e artistas que pretendiam ser renovadores da literatura inglesa.

Seus textos mais intimistas, como quando conversa consigo mesma, concentram a essência de sua escrita – uma arte que nos faz perceber, num estranhamento, que o escritor não é um homem livre e a música de rua, rudimentar enfática, para fazer sucesso deve ser estridente.

Admirável o que escreveu sobre Thoreau, Henry Davi Thoreau [1817-1862], o último de uma linhagem mais antiga de homens ou o primeiro de uma ainda por vir. Homem selvagem e indomesticável, compôs *O lago de Walden* e *A desobediência civil*, obras transcendentalistas inspiradoras de movimentos de vida alternativa e manifestações pacíficas pelo mundo afora.

Thoreau desconfiava de toda atividade que exige roupa nova e defendia que todo cidadão podia insurgir-se contra o estado que se tornasse tirano. Tinha a vocação de ficar em casa e amava as coisas comuns, como um dia de sol ou uma tarde de inverno. Um homem, enfim, que não queria viver o que não fosse vida; viver queria a fundo

e sugar toda a essência da vida. De sua mão – diz-nos Virginia em seu comentário – a sociedade recebeu uma saraivada de golpes. Estóico que amava o silêncio, todo e qualquer aglomerar-se em multidões, para fazer o bem ou obter prazer, era para ele uma aflição intolerável. Achava que não precisava de mais de três cadeiras em sua casa: uma, para a solidão; duas, para a amizade; e terceira para os colóquios.

Não ficam atrás outros ensaios desse livro que recebeu no batismo o título de O valor do riso, como o que tece sobre a publicação em dois volumes dos diários de lady Elizabeth Holland, casada aos quinze anos com um baronete e membro do Parlamento 22 anos mais velho, Sir Geodfrey Webster, proprietário rural em Battle Abbey, cuja mansão se transformou em extensão do mundo da política, da sociedade e da alta cultura de Londres. Divorciada, casou-se no mesmo com Lorde Holland, sete anos mais velho. O que escreve sobre Jane Austen e o leitor comum são grandes momentos desse ensaísmo inteligente que nos ensina a ver e a observar seres complexos, e aparentemente normais.

Virginia tinha o gosto da biografia, dos diários e dos documentos íntimos que, por sua vez, produziria como estes tão bem escolhidos por Leonardo Froes para introduzir o leitor brasileiro em sua prosa fluida e densa. Não surpreende que tenha escrito o Orlando, obra da fantasia, como em Shakespeare Sonhos de uma noite de verão, quando o autor visivelmente se diverte, escrevendo. Seus diários e ensaios são o documento de seu processo individual de criação. É a escritora cativa do compromisso com a escritura e com o ato de escrever como uma pulsão de vida. Suas observações ao comentar as memórias da atriz Sarah Bernhardt e sua visão multifacetada da mulher e do universo feminino, presente em seus pensamentos. Velhas

casas de Londres, como a de Carlyle, que não consta dessa antologia exemplar e outras, mais obscuras, como a da velha senhora que em subúrbio de Londres recebe todos os dias para o chá alguns velhos amigos de uma vida inteira e banal.

Veneza, a Serenissima República dos Doges, merece-lhe um olhar percuciente e extasiado que se beneficia do conhecimento posterior. Cidade de palácios e de pintores da Escola Veneziana decantada e resumida nos quatro volumes da obra de Pompeo Melmonti, traduzidos para o inglês. O apogeu seguido da decadência. Virginia escreve sobre Veneza como o inglês passeia, desapressadamente, porém com essa paixão que não pode faltar à arte. Veneza da arte tipográfica de Aldo Manuzio, difusor dos Clássicos Greco-latinos, Veneza dos palácios submersos e dos pintores da Escola Veneziana, das ruas escuras e águas profundas. Cidade que atrai os escritores, como Baron Corvo, Ruskin, Proust. Três diferentes escritores se devotam a Veneza, de uma ou alguma forma. Embarcações, gôndolas e o galeão dourado que transportava o doge, pai de toda a raça, cortando os canais e as lagunas, põem-nas em movimento novamente a prosa de Virginia Woolf.

Admirável ensaísta! Profunda, clara e cheia de pensamentos.

FRANKLIN JORGE (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Vencedor do Prêmio Luís Câmara Cascudo. É autor, entre outros, do livro Ficcões, Fricções e Africções (Mares do Sul, 1998).

POEMAS

DE VANESSA REGINA

é preciso que te movas
um grão que seja
neste teu olho de prata

cabedal de raízes
- são tantas as inundações
que não carregam nada -

é preciso, sim
ferir os nós dos dedos
e desnudar os pés
para que colham a última chuva

*

há quem diga que o vermelho cobrirá meus pés

e as manhãs tão serenas

- aquelas de um silêncio desastroso -

permanecerão mínimas

sobre o assoalho pálido da cozinha

eu digo que não

*

a precariedade dos dias

e o adiamento da vida

plantados ali na soleira da porta

minhas mãos desdobrando o tempo

e guardando num canto escuro o porvir

a casa que não é morada

*

não seria mais apropriado se o tempo

- este senhor de braços longos
e punhos para o alto -

interrompesse a trajetória equivocada?

mas somos feitos deste chão
sobre qual pisamos
ainda hoje ao meio- dia

VANESSA REGINA (RIO GRANDE DO SUL) – Poeta. Nasceu em Alegrete (RS). Atualmente reside em Rio Grande, onde cursa o Mestrado em História da Literatura pela FURG. Edita o blog Há quem diga que não era aquela música.

CONTO

TO SELFIE OR NOT TO SELFIE

Por Julia Antuerpem



Segunda feira, 06:07h

Acordou querendo mudar o mundo. Original. Necessário. Apenas uma manhã de um dia qualquer e cá estava ele, deitado, com uma epifania em sua mente. Não se deixou enganar pelos primeiros raios de sol: eram dias sombrios.

Lembrou que, quando era criança, tinha um grande prazer em pensar no infinito. O céu sempre foi o único limite. Sonhava noites intermináveis em estar com você, Holden, no campo de centeio. So-

nho adiado. Parava para afagar todos os cachorros que encontrava na rua e sonhava em levar todos para casa. Sonho perdido. Todo natal se perguntava “Papai Noel: você existe?” Pô, isso era importante! Mas foi-se. Hoje, tudo isto não passava de um elixir mágico.

E foi assim toda a vida: o menino que queria ser astronauta, músico, pintor ou inventor, mas foi condicionado para querer ser chefe. O adolescente que pensou em estudar filosofia, mas teve que priorizar a eficiência capitalista. O adulto que já foi freudiano e jungiano, religioso e ateu, de direita e de esquerda, a favor e contra. Mas hoje, preferia não discutir mais nada.

E assim, atualmente, nada mais era do que um homem que não tinha nada a ver com o mundo.

Então por que isto agora? O que esta manhã tinha de diferente? Nada. Eis a questão. A janela de seu quarto continuava a mostrar o mesmo mundo de fora, visto pelo mesmo homem de dentro. Será que tantos anos omissos finalmente se mostraram como uma perturbação latente? Alguém ouve o que ele ouve, alguém sente o que ele sente?

Analisando, ele chegou à conclusão que o comodismo é a peste do século XXI. Arriscar-se para alargar horizontes? Meu caro, mais vale ser pa 06 CONTO To Selfie or Not to Selfie - Julia Antuerpem SP rvo do que morto. Pergunte a qualquer um. Colombo foi um louco descompensado de atravessar aquele oceano procurando alguma coisa.

Hoje, em todo lugar do mundo há medo, desconfiança, desilusão. Dinheiro sujo, consciência suja, discursos que secretam. Espécies se tornam extintas mais agilmente do que qualquer corrupto, que se declara socialista, é sentenciado. Deus morreu, mas tem um oráculo

oportunista em cada esquina. A direita ganha, a esquerda renasce das cinzas e tudo recomeça do zero nesta tela total. As pessoas não sabem mais de si. Ninguém admira mais o progresso dos outros, ninguém quer ajudar, ninguém quer melhorar. Esperam ansiosamente (porém dentro de uma pacífica acomodação), por um mundo melhor. Rotulam o sistema como mau, mas não como inimigo. E, no fim do jogo, preferem adiar toda a partida. Adorabilíssimo este mundo novo.

Todas ações acontecem pelo medo, não pela busca de uma plenitude. Alguém se aproximou no trabalho? Ou é pra te imitar ou boicotar. Desafio é alguém achar algum outro adjetivo que venha à mente primeiro. Morra quando quiser, mas, por favor, só não no meio da maratona usando o uniforme do patrocinador: não pega bem. Não divulgue novas oportunidades, não abra os vidros do carro e use todo tipo de sorte que tiver disponível para brincar de sobreviver. Atenção, o manual de hoje da sobrevivência alega: não peça paz, peça armas; não reze para ter esperança, reze para ter forças. Amargo é o posto de fim do mundo.

O “um por todos e todos por um” é quase uma utopia, um unicórnio ou uma imagem fóssil de um passado longínquo. Agora o “salve-se quem puder” reina como uma constante música de fundo, alta e em bom tom. Síndrome da toda alma moderna. Tem tanta coisa desandando que nem sabemos o nome que dar. “Capitalistas: senhores por mérito, escravos por necessidade”. Não. Qual é o oposto do milagre? Este seria um bom nome.

Pensou nas inúmeras revoluções perseguidas, exílio de gênios, queima de livros e tortura dos que se sacrificaram por um mundo melhor, para acabar assim. Oh, amigos, o desculpem: que ele, cômodo, sobreviveu e vocês já foram. Há uma culpa invisível e presente:

são estes fantasmas na janela e suas sombras no chão.

Mas agora ele não conseguia mais imaginar aonde encaixar tais coisas num amanhã bem escrito. Os erros terão que ser acertados. É tempo de urgência, é tempo de insurgência.

06:25h

Então estava decidido: iria mudar o mundo. Simplesmente. Finalmente.

Seria o idealista, o rebelde, o aventureiro, o altruísta e o incansável. Tomaria o controle de si mesmo. Pararia de apertar o botão da soneca toda vez que o despertador mostrasse que está na hora de agir. Agradeceu por ter sido uma criança solitária que só tinha como amigos os livros. Estes sim formavam um excelente pelotão de enfrentamento. Eureka!

Uma imensa animação e plenitude o atingiram. Um belo começo: uma ideia se tornou um jeito. Decidiu começar escrevendo a verdade. A verdade! Há! Aquelas corriqueiras verdades sobre as quais pouco se sabe e menos se faz. Afinal, não foram os próprios humanos que criaram esta realidade? Criaram, consentiram e até planejaram. Ui. Estudaria, então, todas as revoluções, o mecanismo do sistema e reprogramação neuro linguística. Iria sugerir uma revolução além do capitalismo e além dos aspectos destrutivos da modernidade. Seria um texto revolucionário. Ele, que hoje ninguém sabia o que se passava naquele quarto ou em sua mente, mudaria o mundo.

Pensou em escrever com um pseudônimo para não ser encontrado, mas achou meio covarde logo em seguida. Seria isto covardia ou orgulho de querer os louros caso desse certo? Ficou confuso. Pen-

sou melhor e resolveu começar pela ocupação das ruas, afinal não é só isso que chama atenção? Talvez, tivesse que começar esta revolução fora de casa e no meio das ruas. Mas... nas ruas? Publicamente? E, se fosse pego, torturado, exilado? Talvez seja melhor começar uma revolução discreta enquanto finge-se um caráter miserável, aceitando os preconceitos e costumes dominantes, disfarçando qualquer coisa que denote que esta independência de espírito possa ser interpretada como uma provocação. Realmente, por mais triste que seja, ser tomado por louco traz menos problemas. Difícil a mecânica da revolução moderna, hein?

Sua cabeça doía. Anos estudando e sonhando aparentemente sem utilidade, agora vinham à tona como um maremoto. Parou e pensou.

06: 43h

Um medo tomou conta. Será?

O primeiro que levanta a cabeça na multidão é sempre aquele que toma a primeira pedrada, não é? Que coragem.

Repensou. Não conseguia achar outro final para sua empreitada: seria, como tantos outros foram, perseguido, exilado, torturado ou veria sua morte antecipada selada de segredo. Não. Temeu pela própria vida. Estava exagerando talvez? Afinal, não dá pra ser tão altruísta, tão elevado, são seres humanos que habitam a terra, não mestres ascencionados.

Será que este idealista aventureiro que ele criou não é nada mais do que um egocêntrico, insatisfeito e maníaco? Há de se convir, querer ser o despertador da atual letargia é meio louco. Sem falar suicida. Quis ter seus livros por perto...

Não. Ele não podia fazer tudo. Deixaria algo para deus. Não que ele tivesse medo da morte, mas não tinha pressa em morrer também. Afinal, por mais que ele quisesse lançar novas leis, não seria julgado pelas que já existem? Tem como alguém transcender e continuar sendo membro dele?

Já estamos tão acostumados com o osso, por que é que ele queria pegar a carne agora? Ser o portador das notícias ruins? A verdade (e que atormenta a todos, até as mentes mais dotadas) é que morrer por um ideal é fácil, difícil é viver por um ideal.

Então, brinquemos de poltergeist. Coloquemos-nos na posição de fantoche. Aceitemos esta geração perdida de pessoas falsas. Cresçamos mortos. Sim. São as injustiças da vida. Não foi isto que te ensinaram? A mascara está perfeitamente de acordo com o que se deseja ocultar.

E assim tudo continuaria igual. Ao final do dia só seria mais um dia. Sobreviveria, como até agora sobreviveu, junto com esta humanidade numa casca de nós.

07: 14h

Não! Não poderia ele arranjar uma desculpa. Outra desculpa. Outra vez. Até a noite mais sombria tem que descansar e o sol há de nascer.

Cá estava ele: barganhando por minutos de vida desperdiçados, lutando para ser feliz, mais um pouco que seja. Queria parar de só assistir, só reclamar, só curtir o Greenpeace no facebook, só chegar no supermercado e chorar de felicidade que o preço abaixou. Manipuladores de todos os tipos reinam imponentemente nesta sociedade viti-mal, onde um nada mais faz do que suportar o outro, mas nós somos

os verdadeiros guardiões deste mundo. Não é possível que estejamos condicionados ao comodismo.

É melhor tentar, ainda que em vão. Ou combatendo o sistema ou criando um novo. A única coisa errada é não fazer nada. Irá sim, mudar o mundo. Irá enfrentar o medo, levantar e agir mesmo que isto significasse desfazer vínculos, vender bens e se despedir.

07:30 h

O despertador tocou e o tirou desta epifania. Lembrou que era só um cara em seu quarto, num dia qualquer. E agora?

Será que tudo isto não se passava de uma indisposição ou seria este o sublime e lento começo das ações? Maldita hora da noite, quando nossos sonhos vêm. Não tinha decidido como fazer. Também não tinha perdido o medo de fazer. Parou. Ficou. É, não. Talvez, não cabia a ele, um rele homem, julgar. É necessário liquidar o silêncio do mundo? Não sabia mais.

Suspirou e sacudiu a cabeça. Finalmente se levantou. Afinal, já eram 7:30, e tinha que ir para o trabalho que não gostava, mas pagava as contas. E, como bem disse Oxford, a palavra do ano é “selfie” e não “sharie”.

07:31h (e todas as horas adiante)

E, talvez, o fim da humanidade seja diferente do que muitos esperam. Talvez a humanidade acabe assim, como um suspiro e não como um estrondo.

Infelizmente, mas simplesmente.



JULIA ANTUERPEM (SÃO PAULO) é roteirista e escritora pós-graduada com especialização em Escrita Criativa por Harvard University. É ganhadora de diversos editais e concursos privados de Roteiro e Literatura. Dentre eles, destacam-se Melhor Roteiro de Ficção pelo Green Nation Fest 2012 (em parceria com a Rede Globo), Melhor Crônica IV Prêmio Martha Medeiros 2013 e Prêmio Estímulo de Curta Metragem 2011 com projeto suplente. Atualmente, é cronista da Revista Benfazeja de Literatura.

ENSAIO

UMA AUSÊNCIA, POR ENQUANTO: A MELANCOLIA NOS POEMAS DE “HEMISFÉRIO”, DE YURI EMANUEL

Por Sidney Andrade

Campinenses, efusivos, urbanos e introspectivos, os versos do jovem Yuri Emanuel secretam certa bile negra por entre seus vãos bem encadeados e ritmados, às vezes até ligeiros. Seu livro de estreia, *Hemisfério*, evoca uma melancolia que, longe de ser confundida com tristeza, nos convida a uma introjeção de si mesmo, a partir de seu olhar majoritariamente ensimesmado, da celebração da autoanálise, da autocrítica, da esperança no próprio devir. Engastados no cinza pálido da cidade industrializada, desenvolvida, longe das imagens áridas em tons de sépia, os poemas deste livro sobressaltam o leitor pela umidade com que tinge as cores monótonas do cotidiano que, apesar de preenchido de afazeres, se esvazia dentro de um peito angustiado.

Mas que angústia é essa, de onde ela vem? Apesar de esfera integral, a vida se fragmenta e se divide na intimidade do ser. Dois lados se opõem: o eu e o mundo. Um hemisfério é só a metade que me vale. O outro é pura falta. O peso de ser meio-mundo, mais o cansaço de esperar pela outra metade, que não se concretiza. O sentimento de busca por uma busca é um tapa-buraco, tenta suprir a falta de uma falta, e desse reconhecimento insuportável de uma ausência ausente, sobra a espera angustiada como núcleo de uma grande descontinuidade, inércia agitada que paralisa (HASSOUN, 2002).

[...]

Eu sou uma lasca da casca da árvore,

O pasto pisado, vasto e comido:

Veza ou outra, regurgito;

Veza ou outra, ressuscito.

No geral, eu só existo.

Quero cores

Que esse escuro já não basta.

(“Sincero”, p. 10)

Sendo manutenção de um desejo sem causa, mas cujo objeto é a própria ausência, a angústia aparece como manifestação ativa da melancolia, esta que, por sua vez, é pura passividade, morosidade. Por instantes, o vácuo se preenche e, ainda que indecifrável, este produto que enche o peito oscilante dá um sentido, mesmo que fugaz e mínimo, ao hemisfério que se é: “Desgraça não é ver que se confunde pelo amor/ Desgraça é ver que se amou direito./ E eu me sinto cheio/ Cansado/ Meio morto./ Eu sou um cara e tanto.../ E fim da piada.” (“Vácuo”, p. 63).

Vinda da Idade Média, quando a peste impôs aos homens uma intimidade inconveniente com a ideia da morte, a melancolia nasce como introversão, medo do inevitável, do desconhecido, aniquilador. A impotência do ser aplacado pela brutalidade do mundo só se transformou a partir do momento em que, pós século 11, o indivíduo renascentista entra em contato maior com sua própria natureza, uma vez que para se individualizar, precisava se exteriorizar. Esta exteriorização aproximou o homem de si mesmo e, nesta dinâmica, o processo de autoconhecimento ganhou importância. Analisar a própria melancolia elevou o número de biografias e dotou o objeto espelho

de uma importância perturbadora no cotidiano (Scliar, 2003).

[...]

A paz olhou pra ele e disse:

“É velho, espera que ta difícil chegar aí...”

E ele que já encarou leões,

Foi arruinado pelos coelhos.

Vou comprar um bicho de estimação...

De preferência,

Um espelho.

(“Surpreso”, p. 17)

Sujeito e objeto de si mesmo, o indivíduo diante do espelho põe em cheque o que pensa e o que não pensa, o que sente e o que não sente, o que vê e o que não vê, percebe as falhas, entende as impossibilidades do eu. Olhar-se é ser algoz e vítima, num processo incômodo, desconfortável, desconcertante, mas imensamente fértil. Do embaraço com tal confronto, a melancolia leva ao retiro. A retração, introspecção. No entanto, ao invés de isolamento, cumpre o papel de espaço da descoberta de si. Como atitude sábia, ensimesmar-se é tentar da conta da metade do mundo que nos cabe, uma vez que, aparentemente, a metade vazia, o hemisfério faltante, não se revelará jamais como apreensível ao sujeito que Poe em conflito aquilo que se é e aquilo que se sabe.

Meio-vazio, estar melancólico difere da tristeza na medida em que esta, na verdade, trata-se de uma reação natural com causa divisível e tempo de duração previsível, no transcorrer do cotidiano. Tampouco se confunde com o tédio, sentimento agudo que surge do contato com a dimensão sequencial monótona do tempo do relógio, que gira em torno do próprio eixo. Para além destes dois estados, a

melancolia pode figurar como condição existencial envolta em uma aura filosófica capaz até de atribuir certo status intelectual ao melancólico (Scliar, 2003).

[...]

E por falar em fazer algo, to sem vontade do que quer que seja.

Não é fastio, não é verme,

Não é luto, não é gripe, não é fome,

Nem saudade, muito menos é se sentir velho...

Valha!

Banzo é esse, então?

Deus que sabe!

- Vai ver, é tédio.

(“Por eliminação”, p. 36)

O pensar demais, ainda mais sobre si mesmo, tem o curioso efeito de ruminação das memórias, além de corroer a consciência pela incapacidade de esquecer-se: “Hoje eu tive vontade de ser criança outra vez/ Mas não tive tempo de me lembrar/ Como fazia pra esquecer/ Do tempo.” (“Surpreso”, p. 17). Mas, se por um lado, voltar-se para si mesmo configura farta fonte de pensamento, não produz ação quase alguma. Então, a atitude melancólica, que era vista como elevação intelectual apropriada, em tempos de Iluminismo, transforma-se em empecilho social para a era pós-industrialização.

Da modernidade à pós-modernidade, os indivíduos viram-se sujeitados à inevitável falta de tempo. Dedicar-se à autoanálise pressupõe um intervalo que não pode ser desperdiçado por quem precisa vender suas horas para garantir o salário e o sustento. Posteriormente, quanto mais introspectivo, menos socializável. Não se reflete, se divulga. O espelho perdeu seu lugar para a lente da câmera, porque

o tempo de pensamento anula o tempo de exibição. A melancolia, assim, passou a se manifestar no campo da inadequação. Conseqüentemente, tornou-se causa de sofrimento e angústia ao melancólico atual.

A subjetividade se realiza, agora, no tempo presente, no nível do instantâneo, na manifestação do desejo, na demonstração da embalagem imune à ação do tempo, no corpo sem marcas. Em plena sociedade de consumo, o sofrimento psíquico brota da artificialidade sexual, moral, subjetiva. A introspecção melancólica coloca o indivíduo na borda, uma vez que o destitui da vontade do consumo. Ele se encontra no tempo da eternidade, sem pressa, sem desejo que o fisgue, sem limite que o delineie (PEREIRA, 2012). Melancolia, ao que parece, é submeter-se (ou permitir-se) ao aprisionamento dentro de um enorme e indefinido, mas claustrofóbico, “por enquanto”.

[...]
 Eu não quero mais ter que levantar a mão.
 Quero só chorar se for preciso,
 E pedir ao tempo que cure a ferida.
 Continuo sem sentir saudades,
 Continuo com a memória ruim.
 Mas só o fato de continuar já me é alguma vitória.
 (“Trocadilho”, p. 20)

Sem perspectiva, não há o que a psicanálise chama de investimento. Sem investimento, não há desejo. Sem desejo, como conviver harmonicamente na sociedade de consumo? A construção narrativa da própria história possibilita que os sujeitos tramem as próprias existências. Investir é confiar na promessa que se faz a si mesmo, acreditar no final feliz para o conto que se forja para o futuro da

própria vida, ainda que o tempo futuro pós-moderno seja imediato, na medida da satisfação de desejos que se sucedem. Quando não se consegue articular uma sucessão narrativa que encadeie os flashes cotidianos e que dê base para o prognóstico do próprio devir, sobra apenas o apego ao “por enquanto”, uma vez que a imagem do futuro revela-se idêntica à do presente (PEREIRA, 2012). Algo se perdeu, mas não se sabe o quê. Talvez a própria possibilidade de se subjetivar dialeticamente esteja perdida. Por enquanto, tem-se apenas a si mesmo, sem querer. E nesse eterno “por enquanto”, a poesia é o que promete certa redenção:

[...]
 Que jamais me falte a caixa de fotografia,
 Pra que os sorrisos venham sempre lavados pelas lágrimas,
 E as lágrimas por saudade e saudação, que é o soluço.

 Que a praga a mim enviada o vento leve,
 Que os quatro cantos esqueçam meu nome,
 Mas que a Terra um dia me aceite tal como sou.
 Que eu seja mais do que sou agora,
 (“Reza”, p. 75)

Certa crueldade (para consigo e para com o mundo), no entanto, dá ao melancólico a coragem de enfrentar a própria carência de um futuro. Não se ilude, o que é bom e mau. Mas encara a falta, sem recuar. O medo de não sentir lhe arranca, ironicamente, o medo de perder. Esse medo medonho de não viver é o que sustenta a vida, anestesia o grande “por enquanto” à flor da pele, torna o tédio e a tristeza suportáveis, quase bem-vindos, agrídoces.

Os carros passam lá na frente, e me deixam no sobresalto
 Panelas assobiam e distribuem calor.
 E eu que não tenho dinheiro pra flores, volto da venda
 E encaro o coentro como um buquê de rosas sobre a mesa.
 O sol que embaçava a linha do asfalto
 Dá uma trégua atrás de uma nuvem;
 Me valho da sombra pra me refrescar,
 E sendo assim, a vida se resolve sem promessas...
 São minhas as juras que ainda restam
 Do lado da janela,
 Guardadas,
 Na caixinha do sal.
 (“Meio-dia”, p. 13)

A metade que se é e a metade que falta, longe de idealismo romântico, constituem a busca pela consciência de si mesmo em meio ao caos de tantos “eles mesmos”. Delinear este limite entre dois polos leva tempo e, não raro, evoca dores abstratas quase invisíveis. Em “Hemisfério”, lê-se o encontro grave (e mesmo acidental) do eu com sua inquietude autorreflexiva, colorindo de marrom outonal, silencioso e quieto, o pasmo de se deparar com um excesso de consciência inesperado. Se ser um só já me transborda deste lado, que coisas imensas não haverá daquele outro lado que me ultrapassa?

REFERÊNCIAS:

- EMANUEL, Yuri. Hemisfério. Cidade do Porto: Editora World Art Friends, 2010.
- HASSOUN, Jacques. A crueldade melancólica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- PINHEIRO, Tereza. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: VERZTMAN, Julio; et. AL. (orgs). Sofrimentos Narcísicos. Rio de Janeiro: Cia de Freud, UFRJ, 2012. pp. 17-38.
- SCLIAR, Moacyr. Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIDNEY ANDRADE (PARAÍBA) - Escritor, Jornalista e mestrando em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Colabora com crônicas para o site de notícias culturais campinenses Livre Pauta (www.livrepaute.com) e tem publicado digitalmente o livro de contos “A Olho Nu”, disponível para download gratuito em www.sidneyandrade.blogspot.com

RABISCO DO OUVIDO

Por Raoni Xavier

Carcará/ Lá no sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião

Carcará /Quando vê roça queimada
Sai voando, cantando,
Carcará / Vai fazer sua caçada
Carcará come inté cobra queimada
Quando chega o tempo da invernada
O sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome
Os burrego que nasce na baixada

Carcará / Pega, mata e come
Carcará / Num vai morrer de fome
Carcará / Mais coragem do que home

Carcará / Pega, mata e come
Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho num pode andá
Ele puxa o umbigo inté matá

Carcará / Pega, mata e come
Carcará / Num vai morrer de fome
Carcará / Mais coragem do que home
Carcará

João do Vale



RAONI XAVIER (PARAÍBA) - Ilustrador, Quadrinista e contista.

TRECHO DE ROMANCE

2 FADE IN

Por Wander Shirukaya

Adrian

Tava cansado de ouvir aquele prog mais convencional, Floyd, Yes, Genesis, aquela coisa toda, e fui na loja que ficava a dois quarteirões de casa. Tinha um cara que nunca tinha visto lá, e pelo jeito tava trabalhando. Gostava mais da coroa que trabalhava antes, disseram que arrumou coisa mais interessante pra fazer do que ficar pesquisando sobre música pra entender a língua da turma que colava por ali. Engraçado é que o cara novo acabou me convencendo a levar o London Calling! Puta que pariu, você sai de casa pra pegar um som mais elaborado e volta com aquela coisa tão simples! Mas o pior é que eu pirei no som. Ele pôs pra rolar nos falantes da loja, ouvi com bastante atenção, já pensando em descer o pau. Acabei ficando fã, eu e o cara trocamos uma ideia a tarde toda, Johnny o nome dele. Disse a ele o meu nome, e aí, sou Adrian. Aí ele me mostrou um violão que estava atrás do balcão. Você é um cara legal, só precisa saber que há mais coisas no mundo da música do que épicos de vinte e oito minutos. Eu ri com a bobagem que ele tava dizendo, uma menina que tava escolhendo umas camisetas no outro lado pareceu ouvir e riu. E aquela mina? Gostosinha, hein! Eu não sei bem, mas me pareceu que ele tava querendo fazer um raio-X da moça. Como ela tava de costas, acho que nem percebeu. Peguei o violão, dedilhei alguns arpeggios.

Você toca bem, cara! Quando ele disse que também era formado em música, acabei desafiando ele pra uma jam. Apesar das desavenças, ali começou uma grande amizade. Toquei muito na tele dele.

Lune

Esse álbum é ótimo. Obrigada. Goo realmente é um grande disco, o que eu tinha em casa era pirata, tava a fim de encontrar original pra completar minha coleção. Assim, me contentava em andar com ele estampado na camiseta que o moço da loja elogiou. Onde ficam as camisetas? Ali do lado, perto daquele balcãozinho com miniaturas. Assobiava uma música, não me lembro qual, enquanto vasculhava os cabides. Stones, Cannibal Corpse, todos os gostos ali, eu ainda mal conhecia, quer ajuda, moça? Te preocupa não, moço. Chegou um cara esquisito solfejando uma coisa que não entendi o que era, que tu tem de prog aí? Deixei a conversa deles pra lá, passei por mais camisetas, uma estampa legal que ficasse bem com minhas pulseiras ou com meu cabelo. Ruiva combina fácil com tudo, ri lembrando do que disse um namorado meu uma vez. Pena que eu nunca consegui pensar daquela maneira. Resultado: não comprei nada, volto outra hora, saí, os dois mal perceberam, conversavam sobre música. Ainda parei na vitrine da loja ao lado, instrumentos, que guitarra linda! Não, contrabaixo, tinha numa plaquinha com o preço. Deixei de sonho e fui pra casa.

Johnny

Na loja era proibido fumar, por isso me escondi no banheiro,

ouvi um barulho. Como poderia ser algum cliente ou mesmo o dono da loja, atirei os restos de cigarro na privada, dei descarga e fui ao balcão. Para minha sorte, foi apenas uma cliente, uma ruivinha procurando por camisetas. Tive vontade de recomendar qualquer uma; ruivas são mais adaptáveis, sem muitos problemas para se vestir. Para não ser inconveniente, ative-me a lhe mostrar a seção das camisetas. Nesta hora chegou um sujeito de jeans e camiseta preta sem estampa alguma. Indiquei-lhe Floyd, Yes, Genesis, ele deve ter achado meio primário. Para não perder o cliente, deixei-o ouvindo algo do meu gosto enquanto fui vasculhar algumas coisas do gosto dele, pensei ter visto, logo quando comecei a trabalhar, algo do Van der Graaf Generator por lá, mas não sabia onde. O rapaz me chamou de volta, comentando ter gostado do som. É Clash. Classicão! Achei até estranho alguém que dizia ter um gosto tão refinado não conhecer, mas preferi evitar conflito. Peguei um violão. Você é um cara legal, só precisa saber que há mais coisas no mundo da música do que épicos de vinte e oito minutos, disse em tom de brincadeira, acho que ele não se importou. Enquanto ele dedilhava algo no instrumento, reparei que a ruiva das camisetas era atraente. Não sei bem por que, mas era. Passei uns instantes a observando. Acho que ela percebeu algum comentário, pois foi caminhando para saída enquanto eu e o rapaz conversávamos. Queria que ela aparecesse mais vezes.

WANDER SHIRUKAYA (PERNAMBUCO/ SÃO PAULO) – Escritor. Mestre em letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor do livro Balelas (Contos, Muttus, 2012) e ganhador do Prêmio Pernambuco de Literatura (2014) com o romance Ascensão e Queda (CEPE, 2014), do qual aqui foi publicado um capítulo.



www.revistablecaute.com.br

POEMAS

DE DIEGO MENDES

A MARCHA DOS SIRIS

Para Ricardo Cravo Albin

Todos os siris resolveram
acompanhar os meus pés

Os siris

- dezenas

de patas

azuis

estão se

afogando no mar

a revelar

a carapaça

do amor sublimado

predestinado

à cabala dos sonhos

(além do distante)

nos arrecifes da palavra

a deslizar sem rumo

na marcha dos limites

Ó mar bonito!

Ó mar infinito!

Ó mar de calma!

Todos os siris e eu
no horizonte fascinante...

Sombras da noite incompleta
onde o meu coração
morreu vivo

Siris, alma da minha alma,
direção indiscreta
do meu dedilhar
derrotado

Só, vagando no silêncio,
os meus siris e eu,
em suprema tristeza...

Oh, mar cor da prata
a ferir os meus olhos
ignorados!

Os siris... Os siris...
ensinaram-me a nadar
na solidão dos dias
emirados sob as águas

A DESPEDIDA

Para Astrid Cabral

Assemelhou-se à neblina
a doce lágrima da avó

o colo de seu terço
no poder de proteger
o viajante
em sua hora
composta
de ardor

aos pedaços
sonoros
de seu calar
de imensa
dor

O ZÍNGARO

Para Ives Gandra da Silva Martins

Do celeste
autêntico:

a dor
a revelar-se
verdadeira

Meu relógio parado
para as bestialidades
do adormecimento
em cantos divinizados

Outra noite,

o supremo Anjo
com mantas
estelares
pairou sobre os
meus ombros

e a luz de seu vulto
ofuscou o meu corpo
nas sombras

da chuvosa paisagem

Eu não sei
ou nada sabia
sobre mistérios
iluminados
de um zíngaro
em predestinação
terrenal

Deus aparece azul
na melancolia das
palavras doloridas
e reveste a alma
de vinhos e fugas
em sublimes ardentias

o hino aberto
nos dias dilacerados
pelo Medo

os Tempos pavorosos
em Amor tempestivo
na aurora das rosas
sonoras da sobrevida
repartida em prantos
dos cavalos presságios
em olhares vários

o susto
e a redenção
de um vento
passageiro
no horizonte
constelado
e vocacionado
à dor

na grande
força
do etéreo
desvelado
sobre mim

DIEGO MENDES SOUSA (PARANÁ- PIAUÍ) – Poeta. É autor dos livros de poemas Divagações (2006); Metafísica do Encanto (2008); 50 Poemas Escolhidos pelo Autor (2010, Edições Galo Branco); Fogo de Alabastro (2011, Coleção Madrugada, Posfácio de Lêdo Ivo); Candelabro de Álamo (2012, Posfácio de Astrid Cabral) e O Viajor de Altaíba (2013, Posfácio de Carlos Nejar).

ENSAIO

DUAS PELEJAS PARA UM
CAMINHO SOB O SOL CORDELÍSTICO*Por Aderaldo Luciano*

Um dia eu quis estudar o cordel brasileiro em sua face épica. Das pesquisas realizadas à época, concluí que toda a produção referente ao denominado ciclo dos cangaceiros, com a figura de Lampião à frente, oferecia elementos capazes de respaldar minhas opiniões sobre o gênero. E fui à procura de aprofundar o bisturi apreciativo. Essa ação requeria uma observação mais vasta no todo cordelístico brasileiro, alargando o mapa do material para estudo, tanto teórico quanto literário. E foi o que destinei-me a realizar.

Na construção do caminho, porém, acabei por encontrar outros elementos, outros sintomas que fugiam ao tema eleito e me pediam urgente tomada de decisão. Foi o encontro da peleja Manoel de ABERNAL e Manoel CABECEIRA o responsável por alguns questionamentos teóricos destoantes do modelo que havia edificado. Chegara à conclusão filha da puta que o cordel possuía um caráter exclusivamente narrativo, mas, puta que pariu, vejamos o início da peleja:

Cabeceira — Sr. Manoel ABERNAL
Sou Manoel Cabeceira
O cantador mais tímido
Que teve nesta ribeira
Pode ficar descansado
Que ou morre ou sai na carreira

ABERNAL — De onde vossa mercê veio
Tem outro desta maneira?

Não tem medo de dizer
Que me bota na carreira
Estará bêbedo ou ficou doudo?
Para dizer esta asneira?

Deparando-me com esse modelo fui obrigado a repassar as características da obra épica e, fazendo o confronto, a comparação, comecei a ver outro caminho para o estudo. Não que o cordel perdesse seu elemento épico, senão que ganhara outros elementos. A peleja em questão, apesar de se desenrolar de maneira igual às outras às quais tive acesso, faltava-lhe um mestre de cerimônias para apresentá-la. Esse mestre de cerimônias, no caso a pessoa que, supostamente, viu e descreveu a peleja, é um intrujão que sempre aparece nas duas ou três sextilhas precedentes ao embate. Foi seguindo essa tradição que o poeta Varneci Nascimento escreveu sua Peleja de Aloncio com Dezinho, aliás, uma das mais belas e bem construídas sextilhas introdutórias que já pude ler em cordel:

Pedir o saber a Deus
É praxe dos cordelistas
E o mesmo eu faço agora
Pedindo a Jesus as pistas
Para narrar a contenda
Entre dois bons repentistas

O improvisado é complexo
Pois não tem um só caminho
Por isso Deus nessa estrada,
Peço-lhe um empurrãozinho

Pra descrever a peleja
De Aloncio com Dezinho

Já somos acostumados
Ver repentistas cantando
E acompanhando os versos
Duas violas tocando,
Entretanto essa disputa,
Aconteceu trabalhando.

Nessas três sextilhas iniciais o poeta, pela voz do mestre de cerimônias, segue à risca as orientações do cordel clássico. Procede a invocação pedindo a Jesus que lhe dê as “pistas” para escrever um bom poema, na primeira estrofe. Na segunda, pede a Deus sabedoria para ser capaz de passar para a escrita o fenômeno do improvisado, que é estritamente oral e, na terceira, adverte que não é uma peleja normal entre dois repentistas ao som das violas. Dessa maneira envolve o leitor e o seduz para que ele se assenhore do motivo dessa peleja extraordinária passada durante dois turnos de trabalho pesado na roça. Preciso apontar, traidor que sou, um detalhe: na primeira estrofe, o mestre de cerimônias pede luz para “narrar” e na segunda pede para “descrever”. Num vou nem dizer que um desses teóricos capados, que só pensam em lascar os outros, chamado Georg Lukács, já desenvolveu um estudo inteiro sobre o tema. Considerando que a peleja é o diálogo entre dois personagens, sem a intervenção de um narrador, concordamos que a permuta entre narrar e descrever, aqui, não se prenda ao acaso, senão a uma confusão intelectual sobre a obra de cordel, nesse caso, a peleja, difícil de se conceituar, tanto para o leitor,

como para o autor, delatada na voz de um personagem. Pela presença desse personagem, esse dedo-duro descarado, que quer contar como se deu a peleja e descrever a própria peleja na voz dos pelejantes, acontecida no tempo passado, estando o contador no presente, posso afirmar que essa peleja contém traços narrativos. Como suponho que o leitor da Blecaute não é um ignorante completo, creio que ele saiba que o texto literário puro não existe, que uma característica é que predomina sobre outra, também podemos afirmar que há uma descrição. Peço até desculpas pelo excessos de “ques”, mas foi o que deu para arrumar. Olhando um pouco mais, sei que posso, ainda, identificar traços marcantes do gênero dramático quando os personagens assumem, eles mesmos, a direção do poema, confeccionando a interlocução, com o narrador (mestre de cerimônias) retirando-se de cena. Logo, os três gêneros clássicos se fazem presentes neste texto.

Nas dezesseis sextilhas seguintes o leitor é ambientado sobre o local e a ambientação onde se deu o combate poético: no interior da Bahia, numa cidade perdida chamada Banzaê, durante o eito, o trabalho na roça, na capinagem, cantando “batalhões”, os versos improvisados. Ainda descreve os dois debatedores e apresenta seu Néu que determina o tema da peleja:

Na cabeceira da roça
Fim do eito derradeiro
Zé de Néu disse: — Em sextilha
Quero que cantem ligeiro
Seu Dezinho vai ser o boi,
Compadre Aloncio, o vaqueiro!

Desse ponto, na vigésima sextilha, os improvisadores assumem a direção do folheto:

ALONCIO — Sou um vaqueiro afamado,
Pego qualquer boi sozinho,
Inda mais sendo pequeno,
E mole feito Dezinho.
De outros correu bastante,
Mas eu lhe pego, Tourinho!

DEZINHO — Entro por mata e caminho
E você não me acompanha,
Pois, correndo atrás de mim,
O seu cavalo se acanha.
Vem metido a estrategista,
Mas volta sem artimanha.

A peleja segue seu ritmo natural, com um dos cantadores sendo o vaqueiro, que quer pegar o boi, e o outro (o boi) se desvencilhando das armadilhas do primeiro. Percebe-se o respeito à oralidade na observação pontual da deixa, ou seja, leitor incauto, o primeiro verso da sextilha começando com a mesma terminação do último verso da sextilha precedente, o que não é levado em conta durante a fala do mestre de cerimônias, tanto que quando ele retorna, na sextilha quarta e oito, não se prende à deixa, para ficar bem marcado o tempo narrativo, pois a peleja se deu no passado e o mestre de cerimônias está no presente. Assim:

Alguém viu que a disputa
Não iria se encerrar
(Um prendia, outro soltava)
E deram pra os dois cantar
Um mote de sete sílabas
Pra ver no que ia dar.

A introdução do mote de sete sílabas, para ser desenvolvido em décimas é outra particularidade da peleja oral, seguida a risca pelo folheto. O mote dado é Senão aprende a lição/ Trate então de se calar, e os contendores cairão na disputa:

D — Aloncio, tome cuidado,
Que eu sou um cantador,
Devo ser seu professor;
Você por mim educado,
Porque estás atrasado,
Não pode me acompanhar...
Então, jamais vai chegar
À minha evolução.
Senão aprende a lição,
Trate então de se calar!

A — Sempre fala a todo mundo,
Dezinho, a mesma besteira,
Embora que na carreira
Não corre nenhum segundo.
Eu sou cantador profundo,

Nasci para improvisar,
Quando chego pra cantar,
Faço um revolução,
Senão aprende a lição
Trate então de se calar!

Quando do desenvolvimento de motes, sejam de sete ou de dez sílabas, os cantadores ficam desobrigados de perceberem a deixa, para não amarrar o verso a rimas que se esgotariam, prejudicando as estratégias poéticas. O folheto de Varneci Nascimento respeita mais essa característica. As falas de cada um dos participantes agora são determinadas apenas pela primeira letra de seus nomes, D para Dezinho e A para Aloncio e o mote tem que ser desenvolvido em décimas. Ao final, o mestre de cerimônias retorna para revelar quem foi o poeta vitorioso. Vejamos quem vence a peleja:

Perceberam que a disputa
Nunca mais ia acabar:
Nem Aloncio nem Dezinho
Queriam se entregar.
Pararam a li e deixaram
Pra outra vez e lugar.

É mister que o mestre de cerimônias retorne sempre para finalizar o folheto, revelando o veredicto. Graças às benevolências memoriais do autor, emotivamente envolvido no poema, nesse folheto não houve vencedores.

Usei a peleja de Varneci para exemplificar como funciona o fo-

lheto de peleja clássica. Essa peleja é um folheto recente, que conservou a mesma essência dos folhetos pioneiros. A peleja de Averal e Cabeceira, com a qual iniciamos esse papo de corta Lourenço, é uma das primeiras escritas por Leandro Gomes de Barros e nega esses apontamentos todos que fiz sobre texto de Varneci Nascimento.

Na peleja de Leandro não há mestre de cerimônias, nem qualquer outro personagem entre os dois debatedores. Eles se apresentam um ao outro, conduzem suas falas, criam suas estratégias poéticas e terminam a peleja com um dos dois se dando por vencido. A peleja é toda em sextilhas e Cabeceira reconhece-se perdedor:

Cabeceira — Averal, estou cansado
Não posso mais debater
Então dizia Averal
É o que deve fazer
Bateu aqui está no risco
De desertar ou morrer.

Este é um caso em que não há narrativa, nem ambientação, nem tempo. Só os personagens debatendo, senhores de sua voz. Por isso eu fico puto com uns camaradas que não tem saco para estudar o cordel em todos os seus aspectos e ficam escrevendo e falando merda por aí. Depois a gente fala mais sobre isso. Agradeço e abram dos ói, como diz um amigo meu de São João do Cariri.

ADERALDO LUCIANO (RIO DE JANEIRO-PARAÍBA)- Poeta e pesquisador. Tem pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Projeto Avançado de Cultura Contemporânea, da UFRJ. É doutor e mestre em Poética pela UFRJ. Licenciado em Letras Vernáculas pela UFPB. Tem alguns livros publicados, mas cita apenas O Auto de Zé Limeira (Confraria do Vento) e Apontamentos Para Uma História Crítica do Cordel Brasileiro (Luzeiro-Edições Adaga).

OFÍCIO LITERÁRIO

PARA GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

*“A última coisa que se encontra ao escrever
uma obra é aquilo que há de figurar no princípio”*

Pascal

Por Reynaldo Bessa

Como se começa um livro? Pelo começo. Mais ou menos. Em sua Crônica de uma morte anunciada, Gabriel Garcia Márquez começou pelo fim. Ou seja, de cara contou o que a maioria dos autores deixa para o final, porém, como todo grande escritor, arranjou uma maneira de manter a isca dramática presa ao anzol, deixando o leitor interessado até o final-começo. Edgar Allan Poe, em sua A Filosofia da Composição, afirma que começou o seu célebre poema, O Corvo, pelo final, e disse ainda que toda grande Obra deve mesmo ser iniciada pelo fim: começar trabalhando-a pelo final e depois arranjar um começo para ela. Entende? Seria o mesmo que imaginar um navio chegando ao porto: o anseio dos que o esperam, o desembarque, os abraços, o choro compulsivo e a alegria do reencontro, o apito anunciando que a viagem terminou. Terminou? Não, agora é preciso pensar em como essa viagem começou e todo o seu desenrolar... Assim nos aconselha Poe.

Sobre essa coisa de sentar-se diante do computador, de uma máquina, ou mesmo do empunhar uma caneta - seja lá qual for o seu jeito de escrever um texto - existe um filme, uma comédia, com

Crystal e DeVito. Chama-se: “Jogue a mamãe do trem”. Logo no início do filme - o trecho mais engraçado, a meu ver - mostra exatamente esse momento da angústia da folha em branco: Billy Crystal é um escritor estabelecido e tenta começar a sua nova obra, mas não passa da primeira linha. Escreve, rasga, rasga, escreve. De repente tem um vislumbre e ergue os dedos na intenção de castigar a sua remington, mas desanima, pois logo ao sentar-se, tudo se esvai feito bolinhas de sabão. Nisso ele gira pela casa, rói as unhas, coça a cabeça, urra, se contorce, pensa, repensa, sussurra. De repente abre um sorriso iluminado, corre para a máquina como quem procura um remédio para dor, porém, logo ao sentar-se diante da companheira, tudo se esvai novamente. Imaginar é uma coisa, pôr o imaginado no papel é outra completamente diferente. A sensação de que não seremos capazes de traduzir exatamente o que concebemos, nos seus mínimos detalhes, nos morde feito cão raivoso. Mas nem só de dor vive o homem. Quando encontramos a ideia certa, a sentença exata, a palavra precisa, ou algo muito próximo do que imaginamos então, a rosa desabrocha suas belas, grandes e generosas pétalas... Uma a uma, como numa dança de recompensa... E aí a coisa vai e vai... E não se quer mais parar.

Começar bem um texto é dar ideia de que aquilo que está por vir pode ser igualmente bom, ou ainda melhor, e isso desperta a curiosidade e a expectativa do leitor. Um livro que começa mediocrementemente é bem provável que termine do mesmo jeito ou ainda pior. A primeira fígada, se bem construída, torna interessante até o tema mais corriqueiro.

Por isso, saiba escolher o tom. Este deverá permear todo o resto do texto. A maioria dos especialistas afirma que o primeiro parágrafo

do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov é um exemplo disso:

“Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne, Minha alma, minha lama. Lo-li-ta: a ponta da língua descendo em três saltos pelo céu da boca para tropeçar de leve, no terceiro, contra os dentes. Lo-li-ta”.

A fissura do autor, em primeira pessoa, pela sensualidade da enteada adolescente já está contida no tom nas primeiras frases do texto.

Não coloque todas as cartas na mesa. Vá dizendo sem dizer. Crie expectativas, vá enredando, envolvendo. Comece bem, mas não perca a mão. Lembre-se: o tom. Albert Camus utilizou-se disso ao iniciar o seu célebre livro: “O estrangeiro”

“Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei”

A indiferença do narrador é logo apresentada, e com pouquíssimos elementos verbais, porém sem esgotar o que está por vir, e já contendo o embrião do que o leitor encontrará.

Ao mesmo tempo em que você deve criar expectativas, também pode e deve contrariá-las. Iniciar de forma surpreendente é mais uma maneira de prender o leitor ao mesmo tempo em que lhe passa informações. Isso quebra a expectativa. Há um indício disso num capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

“Marcela amou-me por quinze meses e onze contos de réis”

A ideia sobre a pessoa nos foi dada no contraste entre tempo e valor em uma só linha, sem a necessidade de uma descrição minuciosa. Isso seria muito chato.

Outro recurso ousado é contrariar o senso comum ou os conceitos dominantes (a *Dóxa*). Nas primeiras linhas de *Anna Karenina*, de Tolstói, a ideia dominante da sociedade da época é contrariada

pelo paralelo inesperado.

“Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

Enfim, existem mil maneiras de preparar Neston, perdão, de experimentar o exercício de como se pode começar um texto de maneira atrativa. Invente uma. A grande literatura está permeada, não só de belos parágrafos iniciais, como até mesmo de uma única linha no estilo execução sumária. Uma linhazinha apenas e tudo já está ali. Em *O Iluminado*, Stephen King usou uma coisa assim:

“Jack Torrence pensou : cretino!”

A primeira frase pode pegar o leitor pelo braço e conduzi-lo.

Kafka também foi mestre nisso, e o seu clássico, “*A metamorfose*” é um exemplo concreto do ofício dessa arte.

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.

O que virá depois disso? Pergunta-se o leitor concentrando-se ainda mais no livro.

Gabriel Garcia Márquez não só falava com conhecimento de causa sobre o assunto, provava: Primeiro parágrafo de *Crônica de uma morte anunciada*:

No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo.

Sou leitor desde muito cedo. Sempre que encontrava um grande livro, quando descobria um grande autor, sentia-me como alguém que acabara de entrar num lugar sagrado, secreto. Pensava ter achado algo que iria me salvar de todo o mal e de todo o bem também. Ainda vejo-me zanzando pelas ruas, em solilóquios desesperados, febris, sem-

pre e sempre com algum livro debaixo do braço. Eu queria escrever, e achava que podia. Mas a juventude é o momento dos excessos deliciosos, dos desafios desenfreados, do posso-que-posso. Nessa época meu pai me perguntava com ares de inquisidor: “Enfim, o que você vai ser?”. E eu, sem titubear, sem medo da fogueira, enchia a minha boca com a palavra: “Escritor”, sem ter ainda a menor noção do que poderia ser isso. Quando enfim, achei que poderia, li uma entrevista do Garcia Márquez dizendo que já no primeiro parágrafo quase tudo deve ser definido do futuro texto. Tuuuudo: estrutura, tom, estilo, ritmo, longitude, e até o caráter de um personagem. Isso, de certa forma, me bloqueou porque eu não entendi nada do que ele queria dizer. Ora, eu ainda não conhecia bem esse universo, e Gabo já era um autor estabelecido, vivenciando dia a dia o ofício da escrita. Escrevendo e rasgando e rasgando há tempos, enquanto eu era apenas um adolescente apaixonado pela grande ficção. Eu era só um leitor voraz querendo escrever. Como assim, tudo definido no começo do texto? Perguntava-me. Só tempos depois pude entender. Plimmm. Ahhhhh... Então é isso? Ahhh... Gabo queria dizer que pra saber terminar um texto, desenvolvê-lo, não errar a mão, seguir em frente é preciso principalmente saber começar. Uma coisa tá ligada à outra. Tudo está interligado. Se algo desanda, todo o resto também soçobra. E se isso acontece, pode ser preciso começar de novo por outro caminho ou até mesmo jogar o texto tão querido no lixo e pensar em outro.

Crônica de uma morte anunciada me fez repensar o meu modo de escrever. Foi aí que comecei a tentar subverter essa coisa de começo, meio e fim. Passei a querer embaralhá-los, confundi-los. Foi aí que comecei a buscar outras possibilidades para meus textos. Depois disso mantive o autor em minha alma, mas tirei o manto pesado da

sua influência das minhas costas. Fui atrás dos meus próprios começos.

Cabe ao leitor-escritor fuçar, procurar, ler, descobrir, redescobrir, experimentar, escrever, reescrever e principalmente rasgar muito. Um escritor é mais apreciado pelo que rasga do que pelo que publica. Ter consciência disso tudo já é um bom começo.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e músico. É autor de vários livros e discos. Entre os livros, destaque para Outros Barulhos (Poemas, Prêmio Jabuti em 2009) e, entre os discos, destaque para O Som da Cabeça do Elefante.

POEMAS

DE HILDEBERTO BARBOSA FILHO

CONVERSA COM POETA

Também amo, Jorge Cooper,
“o anonimato das ruas”,
principalmente se desconhecida
a cidade.

Não sou alagoano,
mas amo Jorge de Lima,
Graciliano.

E desde cedo aprendi
a acariciar a solidão das velhas praças,
das esquinas desoladas
por onde não passa ninguém.

Essa é a poesia que me tem!

FINADOS

Dia de finados
no campo.

Mais me envolve o hábito
de pensar na morte.

Um sol sem cor
desaparece lentamente.

Cala-me uma linguagem
sem signos
e nem a secreta geometria
do espanto calcula os numerais
da morte.

Não existe geografia possível.

Apenas alcanço os decretos
do deserto e da acidez.

Estou lúcido
com meus mortos.

Tudo que finda é legível.

EU

Do fundo da estante,
Augusto me espia.

Ainda não atravessei
a ponte Buarque de Macedo,

e me sufoca o silêncio
dessa Ilha de Cipango.

Ouçó apenas
a música dos vermes
na solidão

(aqui e lá fora).

VERÃO

É verão
e tento proteger o sol
dentro de mim.

O que me aquece,
nessa tristeza de verão,
é o frio de aço
das duras calçadas
da alma.

É verão
e as pessoas nem estão
mais alegres.

(Tudo é claro, quente, triste!).

O sol explode
dentro de mim
enquanto me despeço
das outras estações.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO (PARAÍBA) – Poeta, professor e crítico literário. Doutor e Mestre em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem dezenas de livros de poemas, estudos e ensaios sobre a produção literária paraibana e nordestina. Destaque para as obras: *Nem morrer é Remédio* (Poesia) e *Convivência Crítica* (Ensaio)

VISUALIDADES

RECORTES E RESSIGNIFICAÇÃO DA
MATÉRIA EM LUIZ BARROSO

Por Wellington Medeiros

A produção de Luiz Barroso parte de uma questão que se projeta delicadamente sobre suas obras: a pesquisa das diversas possibilidades de apropriação, transformação e ressignificação da matéria.



Trabalhando essencialmente com o papel, o artista corta, recorta, processa e modifica sua composição, instaurando novas possibilidades de configuração. A princípio, alguém pode ficar tentado a perceber apenas o processo como um procedimento comum: a técnica da reciclagem do papel. De fato, o processo não apresenta mistério. No entanto, nos damos conta imediatamente de que não se trata simplesmente

de reciclagem, pois não há reutilização do papel, no sentido de provocar o retorno do que foi descartado a uma condição utilitária. Aqui, isso não é relevante.



O que o artista faz e expõe é mais complexo e opera na esfera do simbólico. Ele não parece estar preocupado com o futuro (por conceito, a reciclagem está associada a certa visão ecológica do mundo que assegure a permanência da vida). Ele parece mais interessado em empreender uma atitude alquímica, combinando elementos e retornando a forma industrializada à sua forma bruta. Neste sentido, sua poética está voltada para o desvelamento de um passado ainda contido na matéria, e que se apresenta latente, para a reconstrução de novos mundos, que pode ser mais intrigante e revelador que a especulação acerca do futuro.

Em Barroso, o papel que foi árvore, depois pasta, e que passou a ser suporte de informação impressa, retorna à sua origem, se libertando de significados alheios impressos em sua superfície através de um processo de desconstrução e ressignificação. O que era papel

retorna ao estágio caótico da pasta disforme. Dessa forma, a matéria passa a ser informação per se, e não mero mediador, como o papel-suporte.



A matéria disforme passa então a ser manuseada e reconfigurada para gerar formas e superfícies até então inexistentes. A princípio, não há intensão significativa. Mas ao manusear e dar forma à pasta caótica, Barroso metaforiza o demiurgo aristotelicamente, buscando ordem e harmonia próprias a partir de uma massa pós-pré-figura. Ao desconstruir o papel enquanto suporte o transformando em substância plástica - que por sua vez será conformada em elementos sólidos e definidos - o artista incorpora e expõe paradoxalmente nossa busca pela origem das coisas, ilustrando nossa essência inquieta e transformadora.

Parece inevitável que as obras apresentem texturas e cores que remetem à natureza. Mas não àquela verdejante e florida, e sim àquela que surgiu antes mesmo da explosão colorida da vida. É a terra que se expõe e se põe disponível à semente da significação. São obras monocromáticas - ou quase monocromáticas - abertas às projeções significantes e à experiência estética.

Em alguns momentos, símbolos religiosos e formas geométricas justapostas são incorporados à superfície. Em outros, percebemos vestígios de registros impressos, lembrando o estágio pré-caótico da pasta disforme. Mas, em ambos, os símbolos são subjugados pela essência e pela estética próprias da matéria, e pelo ato transformador do artista. Experimentamos, então, uma dimensão metafísica em alguns trabalhos, principalmente quando sólidos aparentemente pesados flutuam no espaço de forma frágil e leve, como que abrindo um portal ao universo platônico entre o que é essência e o que é mimese. É o embate do artista com o caos na busca pelo sentido puro.

E não é esta a grande jornada que empreendemos desde tempos remotos: transformar a matéria bruta e caótica, procurando dar sentido e função à nossa eterna inquietação? Barroso faz-nos lembrar de nossa inexorável condição de incompletude, convidando nossos sentidos ao retorno para o estágio primitivo da procura que, embora adormecido, pode ser despertado através de gestos e processos basilares.



[A Exposição "REcortes", do Luiz Barroso, encontra-se montada no MAAC-Furne, até o final de Fevereiro de 2015. Na Avenida Floriano Peixoto, 718, Centro - Campina Grande-PB]

WELLINGTON MEDEIROS (PARAÍBA) - Artista visual e Designer formado na Universidade Federal de Campina Grande, mestre em Artes Visuais pela UFRGS e PhD em Design pela Staffordshire University, Reino Unido. Já participou de diversas exposições coletivas e individuais no circuito nordestino e nacional.

CONTO

O LOBO

Por Nathalie Lourenço

Eu sonhei que o mundo acabava e eu corria pelas ruas procurando você.

A neblina ia comendo o bairro, corroendo tudo e pessoas sem rosto me davam pacotes amarrados com barbante para te entregar mas não sabiam nada de você. Eu corria como se minhas pernas fossem de lata e estivessem prestes a desparafusar, e a calçada debaixo de mim sumia e eu acordei quase sem respirar.

Levanto devagarinho e calço os chinelos apesar do verão. Aos 76 anos, o chão é sempre frio. Fecho o robe por cima da camisola. São 3 da manhã, e meu corpo me acorda pontualmente para o xixi da madrugada, a vontade aumentando com o barulho da chuva. A mesma rotina de sempre: o xixi no escuro, sem acender as luzes, para não espantar o sono. Para não ver o meu rosto no espelho, só olhos e rugas, um enxame branco circulando a cabeça e nada mais. Os olhos são a única parte que não envelhece.

Arrasto os pés até a cozinha, para encher um copo d'água na torneira. A chuva lá fora se bate contra a minha casa. O vento entrando como gilete por cada ranhura, teimoso, molhado. É o lobo querendo entrar. A goteira aumentou e a água traz lama por debaixo da porta. O lobo. Amanhã vou pedir para o filho da Edna tapar.

Já estou a meio caminho da cama quando o barulho vem chegando, e os ângulos da casa mudam por um segundo. Antes de se

desfazer.

Água e lama e pedaços, a madeira, os tijolos, os canos, os ossos antigos da casa que você construiu pra mim. O cheiro de barro e mato se enfia por algum buraco. Tento me mexer mas dói. Uma viga me descadeirou. E eu que achei que ia morrer de escorregão no chuveiro. E eu que achei que ia morrer dormindo, quando a neblina finalmente passasse por mim. Não. Vou morrer de burra. Quero gritar:

- Você é burra, Emília! Você é burra demais!

Mas tenho medo de sair agudo como a voz de quem chora, por isso falo baixinho pra mim da minha grande burreza. O homem da prancheta veio avisar, Bom Dia, Defesa Civil. Você Tem Onde Ir Minha Senhora? Essa Área É Sujeta a Deslizamentos. Eu achei engraçado até. Cinquenta anos morando no mesmo lugar, com chuva ou sem. E agora o homem vem avisar, mandar eu sair, como se a casa que você construiu com tijolo e as mãos fosse coisa que água pudesse derrubar.

É engraçado agora, Emília? Essa perna que já não servia pra muita coisa e que agora nem mexe, tem graça? O robe gelado e as telhas quebradas, têm graça? Mas ir pra onde, diz, Emília? Pra casa de quem?

Eu nem sei se minha irmã é viva. A última coisa que eu falei pra ela foi Boa Noite, Amélia, pra não dar pinta. Minha malinha estava pronta, debaixo da cama. O papai ouvia rádio no escritório. Meu coração batia tão forte que eu tinha medo que o pai ouvisse. E se ele me pegasse ia curtir meu couro, me trancar no quarto e pior, berrar até dar pra ver o vermelho da garganta. Mas o rádio afogou minha agitação e eu tranquei o ferrolho e tirei a camisola que escondia minhas

roupas, e você me esperava debaixo da janela, Álvaro, tirou o peso da mala da minha mão e me levou para a casa da sua tia em São Paulo. A chuva parou, mas as tábuas e telhas ainda filtram as últimas gotas. Queria saber se a Edna está bem. Talvez a casa dela esteja de pé, e o Lélío e o Lúcio venham para levantar essa viga. Eu bem queria tomar uma xícara de chá. Dessa vez eu consigo gritar mas ninguém responde. Talvez a casa dela esteja como a minha, um jogo de pega-vareta no escuro. Grito de novo. Silêncio. Talvez eles durmam com o rádio ligado.

Me sinto abraçada pela madeira. Esse batente que você se encostava pra fumar o seu cigarro de lei, me vendo cozinhar, e eu bem de olho pra te dar uma com a colher de pau, na hora que você viesse roubar das panelas - toda vez, sem falta. Era na cozinha que a gente sempre começava, você tirando a colher da minha mão e me rendendo com beijos, me empurrando pé-com-pé até o batente, você, a madeira e eu.

A filha do tenente que fugiu pra casar com o pedreiro. Por muitos anos eu fiquei imaginando o dia seguinte, quanto demoraram pra dar pela minha falta, se arrombaram a porta trancada com a chave dentro. Se o pai chorou ou gritou. Se deu desgosto pra mãe, se a vizinhança me chamava de Perdida. Uns vinte anos depois encontrei uma vizinha. Ela jurou que o pai pôs prêmio na tua cabeça, teve cartaz e tudo. O pai queria te matar. Mas a gente viveu.

Os pássaros começaram a chiar. Deve faltar só uma hora para amanhecer, Álvaro. O carteiro vai ver que onde tinha casa aqui, não tem mais. Alguém vai vir me procurar. Não é culpa da casa. Eu tenho certeza que ela se mantinha de pé por vontade própria há anos. Só de memória empilhada uma na outra. Já já vai amanhecer, e o doutor

vai dizer que esse latejar no pé não é nada, e os filhos da Edna vão me ajudar a levantar as vigas e achar o álbum de fotos e as coisas do Nelson bebê.

Eu tenho tudo em um armário, as suas roupas, suas revistas amareladas, os brinquedos do Nelson, os sapatos que ele usava no dia em que morreu. Teu envelope de exames médicos com o buraco negro no pulmão. A bolinha de barulho agudo da cachorra Ditinha. Fuim! fuim! Fuim! Era uma cachorra boa.

É um armário, mas podia ser um cemitério.

A noite acinzentou, e a cidade começa a fazer barulho. Eu vou sair daqui, levar suas coisas pra outro armário. Não vai ser a casa, Álvaro. Eu grito. Eu grito mais. Ouço uma voz de menino Tem Alguém Aí? Ouço a sirene dos bombeiros, e as tábuas vão saindo, os tijolos, os canos, os fios, nada na ordem que você montou. Uma vida que a lama levou. Eu sinto o sangue voltar para a perna como se fosse lava, grosso, quente, como se ela fosse se acender de vermelho.

O homem me levanta, e eu sinto que perdi meu chinelo. Ele pergunta A senhora Está Me Ouvindo? e eu respondo Não Foi a Casa, e ele me deita numa lona e me põe num carro branco que apita, e o carro apita e corre, e corre, mas eu deixo a neblina me alcançar.

NATHALIE LOURENÇO (SÃO PAULO) - Escritora e redatora publicitária. Teve textos publicados nas revistas Parênteses e Vacatussa, e na coletânea Edifício Marquês de Sade (Editora Valer). Escreve, ainda que raramente, no blog sabedoriaimprovisowordpress.com

O AEROPAGO

CHEGA DE SAUDADE (PARTE II): OS TERRORISTAS DA SAUDADE

Por Valdênio Menezes

Já não é novidade a notícia de que cientistas criaram uma Máquina da Saudade. De tanto veicular nos jornais as pessoas já sabem como funciona o aparelho: um mecanismo que se conecta ao corpo humano e detecta transmissores da “saudade”, o que permite que a máquina inicie um processo de aceleração e transferência de átomos a longas distâncias. Simples: se você sentir saudade, a máquina lhe transporta aonde quiser. Mas atenção às seguintes restrições: a máquina apenas ativa se, após conectada a cabeça e também a corrente sanguínea, captar operação cerebral e substâncias ligadas ao sentimento de saudade. Além das discussões que a Máquina gerou nas academias intelectuais filosóficas, literárias, sociológicas, lingüísticas, antropológicas e psicanalíticas haviam preocupações relacionadas ao uso comercial e a “popularização” dos serviços da máquina.

Para diminuir o medo de entrar numa cabine, ter conectado a eletrodos na cabeça, receber injeção no braço, e da leve sensação de enjôo após o teletransporte, iniciou-se uma propaganda nas grandes emissoras de comunicação para tornar a máquina viável para todos. Na verdade, uma rápida análise das empresas patrocinadoras da campanha “pela saudade”. Podíamos ver que nessa campanha havia claros interesses comerciais. Enquanto alguns poetas louvavam o fato de uma máquina tão revolucionária ter o seu funcionamento subordinada ao romantismo da saudade, empresários, executivos, acionistas

de multinacionais e chefes de estado reclamavam que a oportunidade do teletransporte facilitaria suas viagens de negócio, mas precisavam superar as exigências bioquímicas, cerebrais e sentimentais da Máquina. Para isso, já tinha a promessa de grandes laboratórios de farmacêutica, que se propuseram a isolar “neurotransmissores da saudade” e, assim, fazer uma “injeção” ou, após certo avanço nas pesquisas, uma pílula que se juntaria a outras tantas que os empresários tomam antes, durante e depois as suas seguidas viagens e conexões de avião. Porém, a mídia, as grandes multinacionais e os líderes mundiais começaram a se preocupar com outro problema. No momento, havia apenas quatro “Máquinas da Saudade” no mundo. Duas dessas estavam em posse de grandes Estados nação, que tinham seus governos guiados por corporações de grande volume de capital que financiavam, eleição após eleição, seja conservadores ou progressistas, as campanhas presidenciais. Uma máquina ficou com a instituição das Nações Unidas – na verdade era uma máquina reserva, deveria ficar guardada pra usos de emergência. A quarta máquina era o problema, pois havia sido roubada de uma base militar e não sabia exato o seu paradeiro.

Em uma rápida pesquisa em vídeos que circulavam pela internet encontramos um vídeo de um grupo de pessoas que afirmam ter roubado essa quarta Máquina. Já com um número considerável de visualizações, a gravação mostrava apenas uma mulher encapuzada que dizia ser a “própria Saudade” e lia o seguinte manifesto:

1) Chega de Saudade: a saudade é uma angústia de todo ser humano, devendo ser elevada à categoria de direito universal suprir as necessidades da saudade. Se todos sentem saudade, não faz sentido o uso da Máquina da Saudade estar restrita a alguns grupos pri-

vilegiados. É urgente popularizar a Máquina para todas as pessoas, independente de nacionalidade, classe social, idioma, religião, cor ou orientação sexual.

2) Chega de Saudade: A humanidade criou a escrita, o telégrafo, o telefone, a viagem de avião, a internet. Essas invenções deveriam servir para diminuir tempo e distância, nos tornar mais próximos, diminuindo ou eliminando obstáculos para os encontros entre humanos. Em resumo: deveriam diminuir a saudade. Contudo o que vemos hoje é diferente: as pessoas viajam tanto de avião que esqueceram a magia que é estar voando no céu e apenas reclamam dos serviços de bordo, da demora das empresas, mergulhados nas obrigações dos seus empregos de cumprir horários. Quanto à internet, somos escravizados pelos e-mails, redes sociais, postagens de fotos e aplicativos no celular que nos avisam a toda hora nossos compromissos de trabalho, com o fingimento de uma imagem que nós não somos. A saudade é o motor das grandes invenções tecnológicas da humanidade. Já que temos consciência disso, não podemos permitir que aconteça com a Máquina da Saudade a deturpação que já aconteceu com o avião e com a internet.”

3) Chega de Saudade: Buscaremos a saudade no mais cotidiano das pessoas. A música é a grande força motora da saudade. Nos downloads de músicas: os sambas nostálgicos, boleros melancólicos, os fados, canções românticas das mais cafonas, das baladas dos rocks. Estamos atentos às postagens em redes sociais, ligações de celular e nas conversas mais cotidianas. Se preciso, bateremos de porta em porta. Estamos disfarçados de padres, psicólogos, advogados, músicos, vendedores de seguro. Nosso objetivo é fazer com que os mais necessitados, tanto de dinheiro como da distância das pessoas que-

ridas, tenham garantida uma viagem gratuita dentro da Máquina da Saudade.

Foram estas reivindicações que, em uma época passada, “pré-Máquina da Saudade”, soariam como piadas e resmungos de qualquer adolescente sonhador, e começaram a preocupar a política mundial.

A Grande Mídia logo criou um nome pejorativo para os ladrões da máquina: eram os “Terroristas da Saudade”. Esse nome foi alvo de grandes contorcionismos para os jornais. Primeiro, ligaram os Terroristas da Saudade – um nome realmente horrível e de mal gosto – a alguma suposta ação comercial das decadentes empresas do mercado fonográfico. Jornalistas diziam que era tudo uma farsa sobre o roubo da máquina: na verdade, era uma ação comercial das gravadoras musicais, um último suspiro de um mercado em decadência. Foram mobilizados produtores e críticos para mostrar que a notícia de roubo da máquina era parte de uma farsa, um viral, um último suspiro das gravadoras musicais em falência, para anunciar “Terroristas da Saudade” como uma nova banda de “jovens que iriam revolucionar a música pop”.

O argumento religioso também foi mobilizado pela Mídia para criticar os assim proclamados “Terroristas da Saudade”. Dizia-se que eram um grupo separatista que agia por meio de luta armada e intimidações. Boatos diziam que os Terroristas da Saudade eram uma perigosa comunidade religiosa liderada por charlatões, pastores, monges, espíritas e padres fanáticos que “se diziam anjos” e iriam de casa em casa fazer falsas promessas de que a Máquina poderia suprir a saudade dos seus parentes já falecidos. Essa nova religião de uma deusa chamada “Saudade” realizaria o milagre de órfãos e viúvas,

através da Máquina roubada que seria aperfeiçoada para alcançar o paraíso, purgatório, inferno ou qualquer outro local que a fé humana criou para despejar a lembrança dos seus mortos.

. Não se sabe se por sucesso ou medo de um apoio da população, às investidas dos Terroristas da Saudade os governos começaram a pensar em uma democratização da Máquina da Saudade. O que seria o direito de todo cidadão para suprir a sua saudade? Todo cidadão, pagador de impostos, teria direito a uma “cota de saudade” viabilizada pelo governo? Podemos mensurar saudade em impostos, financiamentos de créditos, bolsas de estudo, cotas, subsídios e cortes de gastos? Como investir nas políticas de saudade como um atrativo de votos nas campanhas eleitorais? Através dessas perguntas digladiavam deputados, senadores, governadores e presidentes de vários países. Empresários diziam que “por ser um sentimento importante, a saudade poderia ser aproveitada como valor de mercado”. O mais importante para eles era que dessem prosseguimento às pesquisas para tornar a Máquina utilizável para fins comerciais. “Se os pobres querem usar a Máquina da Saudade, que trabalhem e busquem pagar o teletransporte com seus próprios méritos. É melhor ensinar ter a saudade do que dar assim de graça”. Eis o jargão de políticos aliados dos analistas de mercado financeiro. Já os filhos destes políticos que estudavam em grandes escolas de arte se diziam simpatizantes das transgressões dos Terroristas da Saudade. Argumentavam que “ter saudade” era um aspecto esteticamente interessante da condição universal humana. Porém, esses mesmos artistas e intelectuais afirmavam que os pobres não tinham uma saudade esteticamente elaborada para a Máquina da Saudade. Sobre esse tema, um estudo publicado por um grupo de sociólogos conclui com os seguintes trechos: “as pesso-

as pobres sentem melancolias, tristezas e até sentimentos parecidos com uma nostalgia, mas com certeza não sentem saudade: isso exige uma senso estético de nostalgia bem elaborado” (p.56); e, em seguida, dizem que “o problema da saudade entre as classes mais humildes eram as músicas de baixa qualidade que os pobres ouviam, ao sentir saudade” (p.64). A partir dos resultados desses estudos – financiados integralmente pelas empresas interessadas na Saudade™, os governos já preparavam campanhas educativas e a polícia para reprimir e até mesmo eliminar qualquer manifestação musical nos bairros e cidades mais pobres.

VALDÊNIO MENEZES (RIO DE JANEIRO-PARAIBA) – Cronista e Sociólogo. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

ARTIGO

EITA GOTA, QUE “CADIN” DE AMOR PRA
RENDER TANTO EM NÓS!

Por Johniere Alves Ribeiro

“Um amor puro/Não sabe a força que tem/Meu amor, eu juro/
Ser teu e de mais ninguém [...]” - se “*Ciço de Luzia*” fosse uma telenovela ou um filme-, estes versos cantados por Djavan poderiam torna-se a trilha sonora perfeita para embalar o amor dos personagens deste livro de Efigênio Moura, lançado em 2013, pela editora da UEPB, com selo Latus.

Ciço de Luzia surge no seio de uma geração intercambiada pelos mais variados tipos de mídias, sufocada e naufragada no mundo virtual, que se mostra sedutor e que retém boa parte do nosso tempo. Fazendo-nos acreditar que o mesmo passa rapidamente, promovendo, dessa forma, relações sociais cada vez mais “líquidas”, principalmente no campo da afetividade. Aspectos radiografados por Zygmund Bauman em suas teorias, que tentam cartografar “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes”(BAUMAN, 2004, p. 8) tão presentes nos relacionamentos da sociedade contemporânea.

É na contramão desse contexto high tech e de afinidades fragilizadas, que a escrita de Efigênio Moura vem sendo forjada. Tanto que desde *Eita Gota*, uma viagem paraibana – que apresenta uma verdadeira odisséia enfrentada por Dona Neves e seu neto para pagar uma promessa. O autor monteiroense, neste seu primeiro livro, recheia sua narrativa com a fé, somado ao ar quente e seco do nosso Cariri

paraibano. Ofertando ao seu texto o retrato de um quadro com tintas em alto-relevo da vida sofrida e simples do povo daquela região. Contudo, o autor não deixa o bom humor de lado, mostrando que mesmo em condições precárias, contra tudo e contra todos, ainda há espaço para alegria e esperança no dia a dia do “caririzeiro”.

No romance *Ciço de Luzia* somos apresentados, por meio de uma narrativa linear e sem muito “floreios”, a um sentimento puro, incondicional e recíproco entre *Ciço* e *Luzia*, que mesmo brotando em um ambiente de alta aridez, este se torna fértil para tão grande amor. Amor que não quer nada em troca. Amor que não se configura como uma busca pelo outro por pavor à solidão, mas que mantém este outro a uma distância que permita o exercício da liberdade. A relação entre estes personagens de Efigênio Moura não é oscilante “entre sonho e o pesadelo” e que não “há como determinar quando um se transforma no outro”(BAUMAN, 2004, p.8). Assim, os dois se transformam em um, de modo natural, como natural é o sentimento dos dois.

A história de *Ciço* e *Luzia* se passa por volta dos anos de 1970, na Fazenda Macaxeira, onde nosso personagem central trabalhava, nas terras pertencentes a Zé Vando, pai de sua amada. Localizava-se entre as regiões de Monteiro, Zabelê e Camalaú, no Cariri da Paraíba. Muito longe, portanto, da tecnologia de ponta e do acesso ao mundo das redes sociais de hoje. Por isso, Efigênio fez questão de usar a variante linguística predominante naquela época e relacionada à região. Caririzeiro que é, consegue utilizar a linguagem do seu povo – que ele mesmo denomina de “matutês” - sem cometer o erro de cair no preconceito linguístico, tão reiterado pela grande mídia, quando nos apresenta personagens nordestinos.

Durante a leitura teremos contato com este código linguístico peculiar. Ao passo que a descrição vai se aprofundando, salta-nos aos olhos palavras e expressões como: “ Nas noites que não luava”; “istalá”; “bardiá”; “veraineiz”; “fubica”; “ Galego dága doce”, dentre outras que só o glossário, após cada capítulo, nos ajuda a compreender o que cada vocábulo deste quer dizer. Estes elementos linguísticos, do romance *Ciço de Luzia*, nos ajuda a ter um pouco de contato com a cultura de algumas localidades nordestinas e entender como se dá as relações sociais e econômicas no interior desta região. Estes aspectos somados a descrição do ambiente onde se passa a história oferta ao romance em questão um tom “regionalista”.

Além deste caráter regionalista da linguagem, algumas personagens vão ajudando a compor a cor local no interior do romance, principalmente pela a função pragmática que cada um desempenha na fazenda ou no contexto da obra de um modo geral. Nesse sentido, são marcantes figuras como: o galego Galdino vaqueiro, pai de Tôco, Pitôco e Cotôco, tinha como esposa Ana Clara (um das poucas personagens com nome urbano); Dona Jesuína, vó e conselheira de Luzia, incentiva o namoro da garota com Ciço; o dono da Veraneio que conduz Luzia, pela primeira vez, para a praia; o poeta popular Marco Aurélio... A lista é grande. Mas, sem dúvida, uma personagem que nos chama atenção é a “cachorra” Sabida, ela acabou se tornando mais do que um animal de estimação, tornou-se sua confidente: “Sabida sabia de um monte de coisas de Ciço, sabia ele tava alegre quando assoviava Farelin de Nada” (MOURA, p.85). Sabida lembra outro animal famoso em nossa literatura: Baleia, do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

Talvez, diante do “Mundo da Literatura”, esta bela história

contada por Efigênio Moura, seja apenas um “cadin só de amor”, mas que rende bastante em cada um daquele que lê-la. E, que se cuidem: Bentinho e Capitu, Fenando Seixas e Aurélio Camargo, como também outros dos principais pares da literatura brasileira e mundial, pois eis que surge esse novo grande amor solidificado na aridez do Cariri paraibano e que propositalmente foge da “liquidez” das relações contemporânea. Agora é só ler e conferir *Ciço de Luzia*.

JOHNIERE ALVES RIBEIRO (PARAÍBA) - Escritor e Professor. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Possui poemas e ensaios publicados em diversos jornais e revistas.

MEKATRONIA

Por Will Simões

MEKATRONIA - O HOMEM QUE VIVE DENTRO DE UMA CAIXA

BY WILL SIMÕES



WILL SIMÕES (PARAÍBA) - Artista visual autodidata, pós-graduado em Política e Gestão Pública com ênfase em Democracia e Sociedade (UFCG). Na área de quadinhos e cartuns, tem trabalhos premiados e selecionados em eventos nacionais e internacionais.

POEMAS

DE BELLÉ JÚNIOR

II - Acho que sou pólen

[Uma tarde. Perdi.
O olhar.
No mar-lá. De Moçambique.
Azul-abismo. Azul-celeste. Dois azuis pintados. De leste.
Sobre minha cabeça. Passarada. Várias. Pardelas-pretas.

A ave que voava afrente. Meu viu de longe.
Fez a volta. Planou. Sobre a água. Mergulhou.
Num instante.
Saltou das ondas. Triunfante.
Ânsia de prata. Escamada. No bico. Um peixe.

Rodopiou. Asas abertas.
Aterrizou. Um. Dois palmos. De minhas pernas.
Ofereceu a carne. Aos meus pés.
Me reconheceu. Como espécie.

Bati as asas. Novamente.

E. E. Se...

Levava comigo: Apenas. Isso. E aquilo. Uma bolsa grande.
Bordada em trevo de flores. Alaranjadas e vermelhas.
Caule verde. Pequenos brotos. Quaisquer arco-íris.
Bordadas. Estavam também. A solidão e as lembranças.
Dentro dela. E no cheiro. Delas. Vestidos e sandálias.
Um coturno velho. Tênis velhos. Roupas de inverno. E a primavera.
Nos olhos.
Passaporte brasileiro. Carimbos-todos. Pouco espaço para novos.
Livros. Com esquinas amassadas. Quarteirões. Com meus autores favoritos.
Anotações. E rabiscos. Em meu caderninho cubano. Capa com a foto. De Ernesto.
Desde Havana. Minhas várias poesias. Começam nele. Como comecei. Aqui.
Quando maduras. As arranco da página.
E dobro. Folhas de hortelã. Num envelope de hanji.
Além disso. Levo comigo. Muitas cartas. Amigos e amores. Que a estrada me trouxe.
E que. Ao partir. Se tornaram palavras.

Não viajei. Vivi lugares.

Fui o que qualquer flor seria. Se pudesse.
Um dia.
Florescer a alforria da terra. Então voar pelo vento.

Para campos distantes. E lembrar dos tempos.
Em que seu horizonte era ar. Enfim soprar.
Livre.
Seu destino de pólen.

Acho que sou pólen. Ou anúncio de flor.

Viajei o mundo pela única razão. De não.
Poder viajar às estrelas.
Mas guarde um segredo: A saudade.
E a liberdade. Grave. Como motivo grave. Grave. Como inspiração.

Viajei o mundo. Porque escutava. Cascata pura. E venenosa. Vozeria d'água.

Os uivos. Uivos. De futuro. Retumbavam nas rochas. Seus borrifos.
Me inundavam.

Muitos-repentinos. Arrebatadores. Mergulhei no mundo.
Porque no uivo. Eu cri. Cri. Como grilo solitário. Em madrugada escura. E gramado vasto.

Uivo é lobo: Fúria crua: Numa matilha: Cortando o céu. Ventania.
No meu coração.

Lua crescente. Numa impaciente cheia. Querendo enxurrar.

Já escutou o futuro uivar?

Já escutou sua voz obstinada. Esbravejando fados doces?

O uivo tem brado de vida. Melodia que rasga. E dói.

O uivo. Traz. O clamor da marcha. Agora.

O uivo. Exige. O frescor de paisagens. Outras.
O uivo. Faz. A promessa de paixões. Inéditas.
O uivo. Cumpre.

Ah. Mas e se.

Quando o futuro uiva. Berro de angústia. Enlameia meus vãos.
Terreno úmido. Onde-dissemino. Ele brota: Em mim. Imponente como o Sol.

Rápido como uma Nuphar: Amarela como é: Estrela barrenta.
Meus braços no lodo. Meu peito de pântano.
Insensibilizam a pele. Ao toque. Ao afeto.
E o passado. Ao arrependimento.

Tudo que é agora. Perde o interesse.
Desfaz-se o encanto. Do presente.
Tudo que é momento. Desaparece.
Para meus olhos.
Só o depois: Acontece.

Colhi tomates: Era uma fazenda. Ao sul. De Auckland. O futuro uivou.

Após o segundo prato. De espaguete.

Lavei talheres: Lavei o chão: De um restaurante. Em Seattle.
Pratos e copos. Aos cacos. Uivaram juntos. E despedaçados.
Carreguei livros: Era a biblioteca. De Salamanca.

“En la bandera de la libertad bordé el amor más grande de mi vida”.
O uivo citou Lorca.

Amei um percursionista: Foi em Lagos. O tamborilar uiva. Me dança. Me afasta.

Fui feliz: Em Christiania. A segunda-feira. Uivando. Me embarcou para Berlim.

Incessante: Eu:

Murchava já. Brilhava adiante.

Rompia com o hoje. Irrompia para o amanhã.

Secava para a rotina. Nascia com o porvir.

Juro que amei a uns. E outros me amaram.

Mas o amor é cais. Cais: Quase nada. Quando. Há muito.

O uivo de futuro impõe. Deriva-de-ondas. Enraivecidas.

Nebulosa tarde de temporal. Vista da costa. Da vista.

Marejadas.

Uivo-paixão. A paixão é incendiária.

Chama à infamável-matéria. Num pulsar de fera. Desliza.

Enchente-acende. Em chamas. De vozes frígidas.

Cega. Em manhãs de luz forte. Vira hóspede. Das noites claras.

As acinzentas. Recolhe as brasas.

No cinzeiro. Sua enxurrada. Se despede. E nada.

Como sereia. Desaparecia. Nas marés altas.

Não deixava desculpas. Nem levava qualquer culpa.

Por não deixá-las.

A cada estação. Fui embora. De alguém.

Embora. A cada estação. Em alguém. Eu aportasse.

Havia um preço. Que aumentava. No calendário apressado.

Me marcando a cara. Face a face. Com traços. E espelhos. Estraçalhados.

Suas cicatrizes varada nos ossos. E nas velas. Na orla de minha alva.

De mulher: Morrer viva. E renascer morta:

Haveria sempre. Terra nova. Para descobrir.

Mas nunca. Terra minha. Onde esconder. Minhas descobertas.

Eu sabia para onde ir. Mas nunca para onde voltar.

Eu sabia do preço. A se pagar. Dele. Sempre soube: jamais seria capaz de vencer a superfície.

De qualquer mapa. De nada. Nem de ninguém. Me fiz na profundidade negligenciada.

Destes-meus-tantos: Alguéns.

Nunca pude penetrar. Na selva de seus sonhos.

Nem eles. Na savana dos meus.

Não pude acalmar. As serpentes.

Embotadas. Em suas tocas. Reclusas. Nem eles puderam.

Arrancar com as unhas. Minhas ervas.

Peçonhentas.

Não pude banhar-me. Nos seus oásis de gelo.

Nem eles tiveram tempo. De escalar minhas cordilheiras.

Ter a vista-acima. De meus nevoeiros. Vasta a ponto de meus próprios olhos:

Nem eles. Nem ao menos.

Mas paguei. Como promessa. E testamento de memórias. Paguei.
Investi. Como bandeirante. Colonizei receios: com a foice nos dentes:

Espantei os primatas. Domestiquei as feras. E fiz caminho.

Não. Permiti que por mim. Ninguém o fizesse. Arranquei meus espinhos. Com beijos.

Fui a dançarina de meus passos. E de fado. Em alguns cadafalsos.

Caí.

Nas gangorras. Balbuciei. Sem saber ao certo. Pra que lado. Ou no ouvido de quem.

Só saberia. A hora de parar. E pararia.

Quando o uivo não mais gritasse.

E o futuro calasse. Quando: Silêncio.

Mudez debaixo do meu seio: Esquerdo.

Quando minha vontade. Calada. Os libertasse.

Quando o uivo se tornasse:

Murmúrio de rio pequeno. Ou de riacho imenso.

E o murmúrio de rio pequeno. Me navegasse.

Em suas margens. Afogaria dilemas. Ancoraria planos.

[De eternidade.

Soube. Quando meus grãos de pólen. Anunciaram semente. Germinaram raiz.

Amarelaram-se os dias. O ilhéu da noite-finda. Choveu. E verdejou-me. Serrania.

Só então: Fui-enfim. Colhida.

Nos braços.

Dos meus.

Quando ouvi. Ávida e limpidamente: Os soluços do Rio Varanda.

Tão fino para encostas tão largas. Rasteja.

[Com barriga de cobra verde.

Espirros de bagre. Ensaboado na lama.

Ouço os murmúrios. Já. Me sinto calma.

O temporal que me trouxe. O mais rápido que pude. Só pode.

[Trovejar:

Estrondo de lobo: Em noite de chuva.

Em minhas nuvens: Seu uivo mais forte: O mais imperioso chamado de vida.

Intenso e urgente como nunca antes. Tive medo.

Mas não tive saída.

Em minhas entranhas. Eu entrava. E ele se despedia.

Deixava seu recado. Num diário. De ontem.

No fundo de uma banca. Num beco. Em Livorno - Itália:

“Nel sud del Brasile, la rivoluzione libertaria vince l’ultima battaglia”

A cada sílaba. Eu sentia. A sede que não cedia.

Nem com um mar de águas.

Eu desenraizava.
Em silêncio. O uivo. Ia: Calando. Me deixava.

Seu vazio. Quieto de cores. Repletas.
Em meio ao nada. Caiado. De liberdade.
E alívio: Ali vi. E soube.
Eu simplesmente. Soube. Quando vi.

Minha viagem. Acabara. Hora de ir-embora. De volta.

Pra casa.]

BELLE JÚNIOR (SÃO PAULO-PARANÁ) – Poeta e jornalista. Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Autor do livro de poemas *Trato de Levante* (Patuá, 2014)

!Blecaute
Revista de Literatura e Artes



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](#)

ARTISTA DA CAPA



JAS-One é campinense, trabalha com xilogravura, fotografia, serigrafia e arte digital. Seu trabalho se desdobra sobre a arte urbana, o corpo e o cotidiano. A obra da capa é da série Devaneios, um conjunto de infogravuras capturadas em scanner e manipuladas digitalmente. O artista mergulha num universo complexo e conflitante, guiando o público através dos sentidos humanos e causando

um misto de sensações sinestésicas e esquizofrênicas. Para o artista, Devaneios nasce do desejo de transpor sua inquietude pessoal e subverter os tradicionais métodos de gravura



TÍTULO: Fragmento do mundo 02
TÉCNICA: Infogravura
MATERIAIS: impressão digital sobre malha sintética
DIMENSÃO: 100 x 70 cm
ANO: 2011



TÍTULO: O grito do mundo 01
TÉCNICA: Infogravura
MATERIAIS: impressão digital sobre malha sintética
DIMENSÃO: 100 x 70 cm
ANO: 2011



!Blecaute

Revista de Literatura e Artes



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

revistablecaute@gmail.com

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto Microsoft Office Word (2003 ou superior), Fonte Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamento 1.5, Tamanho de página normal e se enquadrar nas seguintes categorias:

Poemas: devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total;

Conto: poderá ser enviado apenas um conto, com até cinco páginas;

Ensaio/Artigos: poderá ser enviado um ensaio ou artigo acadêmico sobre temas ligados à literatura, cultura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas – sugerimos o máximo de dez páginas;

Resenhas: poderão ser enviadas duas resenhas, com até três páginas, acrescida da referência bibliográfica do livro (a ser utilizada como título) e uma imagem, em boa resolução, da capa do livro resenhado.

Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.